

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO VALE DO CAÍ
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

ALESSANDRA DE VARGAS DAHMER

**SUCCESSÃO RURAL FAMILIAR EM PROPRIEDADES DO MUNICÍPIO DE FELIZ,
RIO GRANDE DO SUL**

São Sebastião do Caí

2022

ALESSANDRA DE VARGAS DAHMER

**SUCESSÃO RURAL FAMILIAR EM PROPRIEDADES DO MUNICÍPIO DE FELIZ,
RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso II - ênfase em Tópicos Especiais, apresentado ao Curso de Administração da Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário Vale do Caí, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Anadir Roveda

São Sebastiao do Caí

2022

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Alexandre e Loreni. Vocês me deram a vida e são minha fortaleza!

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o processo de sucessão rural familiar em famílias da cidade de Feliz – Rio Grande do Sul, assim, sendo um tema de importante relevância no contexto da nossa região, juntamente com a questão do êxodo rural e influências do meio urbano na tomada desta decisão. Entretanto, ao longo do estudo, foram abordados temas desde a família e a importância do tema dentro das propriedades/organizações e até pontos específicos como atrativos da agricultura e do meio urbano. Para isto, foram aplicadas entrevistas com abordagem qualitativa exploratória, para 22 entrevistados, específicas para os proprietários e possíveis sucessores/herdeiros, das quais, com a análise da pesquisa foi possível compreender a relevância do tema dentro das famílias entrevistadas, bem como verificou-se o quanto o assunto é debatido entre os integrantes e quais os principais fatores impactantes no momento da tomada de decisão. Diante disto, concluiu-se que os respondentes consideram o assunto de grande importância, porém, o mesmo é pouco debatido e fomentado dentro das famílias.

Palavras-chave: Sucessão. Agricultura. Empresa Familiar. Propriedades Rurais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo dos Três Círculos	22
Figura 2 – Percentual de continuidade das empresas familiares brasileiras.....	55
Figura 3 – Nuvem de palavras 1 – Pontos Positivos.....	81
Figura 4 – Nuvem de palavras 2 – Pontos Negativos.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução do PIB resultado das atividades agrícolas e pecuárias.....38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características dos respondentes – Proprietários.....	46
Tabela 2 – Características dos respondentes – Sucessores/Herdeiros.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação entre a agricultura patronal e agricultura familiar.....	28
Quadro 2 – Fatores de influência no processo de sucessão.....	32
Quadro 3 – Evolução do PIB resultado das atividades agrícolas e pecuárias.....	39
Quadro 4 – Tipos de métodos de pesquisa.....	41
Quadro 5 – Pergunta 2: Quantas pessoas vivem com os recursos advindos da agricultura? Estes recursos têm sido suficientes para manter as demandas?.....	47
Quadro 6 – Pergunta 3: Qual seu nível de satisfação com sua atividade e qual o motivo que resulta sua resposta?.....	48
Quadro 7 – Pergunta 4: Quem são as pessoas da família e o que elas fazem aqui ou fora da propriedade?.....	49
Quadro 8 – Pergunta 5: Quais os motivos que trazem satisfação o que você realiza propriedade? E quais os que trazem insatisfação?.....	49
Quadro 9 – Pergunta 6: Quais são as principais dificuldades e facilidades na família em trabalhar em conjunto, e como é esta relação?.....	50
Quadro 10 – Pergunta 7: Como se dão as tomadas de decisão? Quem participa? Existem conflitos?.....	51
Quadro 11 – Pergunta 8: O que representa a sucessão para você?.....	53
Quadro 12 – Pergunta 9: Deseja que os filhos permaneçam na propriedade? Por que?.....	54
Quadro 13 – Pergunta 10: Existe perspectiva de um sucessor na propriedade? Se sim, quem? Se não, por que? Qual a dificuldade que ocorre neste processo?.....	55
Quadro 14 – Pergunta 11: Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os integrantes?.....	56
Quadro 15 – Pergunta 12: Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?.....	56
Quadro 16 – Pergunta 13: Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?.....	57

Quadro 17 – Pergunta 14: Acredita que a cidade poderia lhe oferecer maiores benefícios?.....	58
Quadro 18 – Pergunta 15: Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?.....	59
Quadro 19 – Pergunta 1: Você trabalha na agricultura? Se sim, explique o porquê. Caso contrário, você deseja sair? Em caso positivo, esclareça.....	61
Quadro 20 – Pergunta 2: A capacitação é importante no gerenciamento da propriedade? Como poderia contribuir no dia a dia? Quais você considera importante?.....	62
Quadro 21 – Pergunta 3: Você participa da tomada de decisão e ideias da propriedade da sua família? Se sim, como isto ocorre?.....	63
Quadro 22 – Pergunta 4: Cite alguns motivos de satisfação e insatisfação com a agricultura.....	64
Quadro 23 – Pergunta 5: Quais fatores influenciam positivamente ou negativamente quando pensa em permanecer na propriedade?.....	66
Quadro 24 – Pergunta 6: O que representa a sucessão para você? Saberá como fazer este processo hoje? Precisaria de ajuda, e se tivesse algum programa de sucessão você participaria?.....	67
Quadro 25 – Pergunta 7: Você identifica alguma resistência dos proprietários em passar o comando da propriedade ou abrir a tomada de decisão? Exemplifique.....	69
Quadro 26 – Pergunta 8: Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os sucessores?.....	70
Quadro 27 – Pergunta 9: Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?.....	71
Quadro 28 – Pergunta 10: Acredita que a cidade possa lhe oferecer maiores benefícios? Quais são os principais aspectos negativos e positivos que você vê nesta mudança?.....	72
Quadro 29 – Pergunta 11: Questões como qualidade de vida, aumento de tecnologias e maior autonomia, impactam na sua decisão?.....	74
Quadro 30 – Pergunta 12: Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?.....	75

Quadro 31 – Pergunta 13: A infraestrutura e apoio da família, são fatores importantes para continuar na propriedade?.....	76
Quadro 32 – Pergunta 14: Quais pontos podem impactar na sucessão e futura gestão da propriedade?.....	77
Quadro 33 – Pergunta 15: Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?.....	78

LISTA DE SIGLAS

COREDE – Conselho Regional de Desenvolvimento

DEE – Departamento de Economia e Estatística

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

PIB – Produto Interno Bruto

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento à Agricultura Familiar

VAB – Valor Acrescentado Bruto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA E PROBLEMA DO ESTUDO.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 Conceito de Sucessão	16
2.1.2 Empresa familiar	18
2.1.3 Sucessão na empresa familiar.....	21
2.2.1 Sucessão na agricultura familiar	28
2.2.2 Atrativos da propriedade rural no contexto atual.....	33
2.3 Agricultura no Brasil e suas transformações.....	36
3. METODOLOGIA.....	40
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	42
3.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA	43
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO	43
3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS.....	44
3.5 PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS.....	44
4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS.....	46
4.1 RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA	46
4.1.1 Pesquisa com proprietários.....	46
4.1.2 Pesquisa com sucessores	60
4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS PESQUISAS.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A.....	88
APÊNDICE B.....	89

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA E PROBLEMA DO ESTUDO

Com grande relevância para a geração de empregos e do PIB brasileiro, as empresas e organizações familiares são todas aquelas que possuem uma família gerindo o negócio, e também as que representam mais de 90% da economia no nosso país, e que correspondem a um forte impacto na nossa sociedade.

A sucessão familiar é algo de grande importância na vitalidade das propriedades e a região do Vale do Caí tem em sua grande maioria a produção de frutas, verduras, legumes e também a avicultura e tem uma enorme representatividade na nossa região. De acordo com o COREDE (2016), dentre estas diversidades a maior parte da composição é da criação de aves (48%), mandioca e tomate (12,9%), frutas cítricas (9,6%), bovinos de leite e de corte (48,8%), suínos (8,3%) entre outros.

A sucessão nas empresas é um fator crítico, caracterizado como um processo e é vital para a continuidade dos negócios e importante para qualquer atividade econômica, porém, vem sendo um meio complexo, por tratar-se de uma transmissão de “troca de poderes”, de competências e pontos indispensáveis para um gerenciamento de sucesso e continuidade das organizações.

Dentre os fatores que trazem um grande impacto para o processo sucessório das organizações, temos a alta adesão das pessoas ao seu desenvolvimento no mercado de trabalho, busca constante de estudos, grande alta da inserção das novas tecnologias que ainda são grandes novidades, mas que também geram incertezas para propriedades, participação na tomada de decisão, entre outros.

O processo de sucessão deve ser planejado muito antes da troca de comando e tem 3 principais quesitos que influenciam consideravelmente este período, como “família”, “gestão” e “propriedade”. Dentro disto, vários procedimentos devem ser tomados, pode ser um período complexo, mas que é fundamental para a vitalidade e futuro das empresas.

Levando em consideração todos estes fatores, o presente trabalho busca responder o seguinte problema de pesquisa:

“Os produtores rurais da cidade de Feliz, fazem o processo de sucessão rural nas suas propriedades? Os que fazem, como realizam este processo de sucessão?”

Através deste questionamento, será realizado uma pesquisa afim de descobrir o processo de sucessão e de que forma isto acontece, nas famílias de propriedades do interior da cidade de Feliz-RS.

1.2 OBJETIVOS

Conforme Marconi e Lakatos (2003), o objetivo é uma forma de confrontar os dados obtidos através do estudo para então, identificar a veracidade das informações e poder então argumentá-las.

Os objetivos serão divididos em: Objetivo Geral e Objetivo específicos:

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo central do trabalho é compreender se os produtores rurais fazem a sucessão nas propriedades, se possuem dificuldades em fazê-las e diante disto, entender propor alternativas para sanar estas dificuldades.

Assim, buscar relatar como é feita a sucessão, quais fatores influenciam neste quesito, quais pontos impactam diretamente nas propriedades e na tomada de decisão dos integrantes, e entender se o assunto é debatido dentre as famílias dos respondentes.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar se a sucessão rural familiar é realizada nas propriedades rurais da região;
- b) Identificar como este processo é realizado e se as famílias envolvem seus sucessores no negócio;
- c) Avaliar os fatores que estimulam ou que impedem a realização da sucessão;
- d) Sugerir formas de melhoria e alternativas que estimulem o produtor a engajar os na sucessão;
- e) Identificar os principais fatores que impactam na decisão de continuidade na atividade rural;

1.3 JUSTIFICATIVA

De acordo com o Painel do Agronegócio do RS (2019), o agronegócio constitui-se em instrumento útil de análise, pois permite a compreensão dos rebatimentos das atividades agropecuárias no conjunto da economia regional e sua articulação com o restante do Brasil". Diante disto, verifica-se que o país é uma das grandes referências da produção de alimentos do mundo e são as pequenas propriedades rurais familiares que representam e fornecem a maior parte dos alimentos.

Os indicadores do agronegócio do Departamento de Economias e Estatística do Rio Grande do Sul (2021), indicam que 7,6% dos empregos do setor, são representados pelo meio rural gaúcho, porém, se as propriedades não tiverem sucessores para administrar e seguir com os projetos e produção dos estabelecimentos, vários negócios acabam sendo fechados.

Segundo o censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), existem, no RS, 365.052 estabelecimentos agropecuários, que ocupam uma área de 21,7 milhões de hectares. Dentro disto, em média 42% da área dos estabelecimentos agropecuários do RS são ocupadas por pastagens e 36% por lavouras permanentes e temporárias.

Ainda, de acordo com o Departamento de Economia e Estatística (2018), em torno de 18,7% do PIB municipal gaúcho é representado pelas atividades agropecuárias, abrangendo em torno de 93 municípios do estado, abrangendo das mais variadas culturas e tipos de produtos cultivados.

Levando em consideração os indicadores do agronegócio da nossa região, percebe-se que a sucessão rural é de grande importância para o futuro da nossa sociedade, visto que se não existir e começar a ser trabalhada, para a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), “sem sucessão, a diversidade de produção de alimentos da agricultura familiar vai ficar comprometida”.

Desde o ano de 2017, uma cooperativa de crédito da serra gaúcha, desenvolveu um programa de sucessão rural com o objetivo de capacitar integrantes das famílias em suas propriedades, abrangendo vários módulos com demais variados temas incluindo: gestão da propriedade, profissionalização das atividades, promoção da permanência dos jovens no meio rural, estimulação da liderança e empreendedorismo dos integrantes, gerar informações que contribuam com a tomada de decisão nos negócios, entre outros.

O tema está vindo à tona cada vez mais no nosso dia a dia, e para autora do presente estudo é de grande valia incentivar a qualificação da governança nas propriedades, compreender os motivos e dificuldades e aprofundar os conhecimentos sobre a sucessão e gestão da propriedade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O tópico a seguir, irá dar enfoque as teorias advindas desde as transformações da agricultura brasileira desde o seu surgimento, até as questões mais específicas sobre a sucessão destas propriedades rurais.

Inicialmente será apresentado conceitos sobre a agricultura familiar no Brasil, posteriormente sobre empresas familiares e após uma ampla referência ao tema de questões referentes à sucessão. Por fim, serão abordadas as mudanças e influências que o processo sucessório está passando no atual contexto.

2.1 Conceito de Sucessão

De acordo com o Dicionário Aurélio, Sucessão é: “Ato ou efeito de suceder, de vir depois; continuação; Sequência de pessoas, de eventos, de circunstâncias que ocorrem sem pausas ou com pequeno intervalo: sucessão de reis, de ideias; Ação de quem assume o lugar ou trabalho de outra pessoa; substituição.” No latim, sucessão, *succedere*, significa vir no lugar de alguém.

Já o conceito de sucessão no âmbito do direito civil, é o conjunto de normas e princípios que estabelecem a transferência da titularidade do patrimônio de uma pessoa aos seus sucessores (herdeiros), sendo assim, mais amplamente é algo pela qual uma pessoa assume o lugar de outra e os poderes e atributos que aquela possuía e vinha exercendo.

Para Franklin, Samuel o “Direito das Sucessões é o conjunto de normas que disciplinam a transferência do patrimônio (ativo e passivo – créditos e débitos) de alguém, depois de sua morte, em virtude de lei ou testamento. Está regulado nos arts. [1.784](#) a [2.027 CC](#). A [Constituição Federal](#) assegura o direito de herança (artigo 5º, XXX)”. Desta forma, entende-se que a sucessão ainda pode ser em virtude testamentária e junto da constituição, ou ainda, um ato sucessório em prol de uma pessoa e/ou organização.

Na maioria dos conceitos de sucessão, está o fato de ser algo que está no âmbito jurídico do direito das sucessões, com vários aspectos envolvidos

principalmente a preocupação dos líderes e superiores das famílias no fato de resguardar os bens e culturas da família, e também de deixar “rituais” necessários para a continuidade da família e também dos negócios ali envolvidos e iniciados desde muitos anos atrás.

Para Lobley (2010), a sucessão é uma evolução que ocorre por um longo período, não sendo um evento único e exclusivo, onde transfere o comando dos recursos disponíveis da organização. Ainda para ele, essa transferência de gestão pode acontecer para somente um sucessor ou para seus diversos sucessores, e também pode envolver a transmissão de bens e capital que serão continuados ou para a criação de um novo negócio.

Ainda, para Coelho, Fábio (2014), o conceito desta sucessão e transmissão de direitos, vai além dos já verificados e trata-se de:

O direito das sucessões trata da transmissão do patrimônio da pessoa física em razão de sua morte. Aproxima-se, de um lado, do direito das coisas, por versar sobre a propriedade dos bens deixados; de outro, do direito de família, porque os sucessores são, normalmente, familiares do morto.

Conforme as definições jurídicas, a sucessão pode ser legítima ou testamentária, e de acordo com Amaral, Ludymilla a sucessão legítima é aquela que se baseia diretamente pela lei, onde os bens e direitos são exclusivamente aos herdeiros descendentes. Já a sucessão testamentária é aquela que de acordo com o desejo e registro da pessoa que faleceu, e que como o nome já diz, é por testamento (aberto pelo juiz pois também deve estar de acordo com a lei).

Entretanto, diante de todos conceitos apresentados, para Gonçalves, Carlos Roberto (2017), a sucessão é:

O ato pelo qual uma pessoa assume o lugar de outra, substituindo-a na titularidade de determinados bens. Numa compra e venda, por exemplo, o comprador sucede ao vendedor, adquirindo todos os direitos que a este pertenciam. De forma idêntica, ao cedente sucede o cessionário, o mesmo acontecendo em todos os modos derivados de adquirir o domínio ou o direito.

Já para a autora do presente trabalho, ainda existe a sucessão por meio “natural”, que ocorre através de trabalhadores que possam exercer atividades nas famílias que não possuem sucessores diretos ou que não desejam seguir com o

negócio. Então, estes são aqueles moldados e intitulados a prosseguir com o negócio e dar continuidade na empresa, seguindo os moldes principais, mas que também podem ser aperfeiçoados com um novo olhar.

Diante disto, verifica-se que o processo sucessório necessita de um planejamento e não deve ser um acontecimento repentino, pois é uma “posse de direitos e deveres, sob determinados bens”, que pode gerar grandes impactos que irão determinar o futuro e continuidade de sucesso ou não, das empresas familiares.

2.1.2 Empresa familiar

As empresas familiares integram uma parte importantíssima das organizações empresariais brasileiras, sendo de grande representatividade para a economia nacional. Assim, a principal particularidade é o fato de terem seu surgimento e trajetória interligados com uma família onde os componentes conduzem a administração, gestão e a continuidade da organização.

Para Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), “no contexto histórico desse tipo de empresa, destaca-se que, com a primeira fase da Revolução Industrial (entre 1760 e 1860), passou a vigorar, de maneira mais abrangente, a diferenciação entre o contexto do trabalho e o contexto da família.”

No país, o crescimento e a expansão econômica se deu com a contribuição das empresas familiares, e o início delas ocorreu a partir das capitâneas hereditárias, que eram transmitidas por herança (Silva, 2019). E assim, formaram-se desde pequenas até grandes propriedades familiares que até hoje, são de grande representatividade para a economia do nosso país.

De acordo com Silva, Vanessa F., D. et al. (2019) a empresa familiar é a qual foi instituída e alicerçada por uma pessoa, que com o transcorrer do tempo, mais membros da família passaram a fazer parte e gerenciar o negócio. Ainda, conforme a mesma, “também é denominada familiar a empresa cujo controle acionário está nas mãos de uma família, que, em função desse poder, detém também o controle gerencial”.

Para Bernhoeft (1991, p. 35) entende que “uma empresa familiar é aquela que tem sua origem e sua história vinculadas a uma família, ou ainda, aquela que mantém membros da família na administração dos negócios”, por isso trata-se de um ramo empresarial distinto das demais.

Já para Gutierrez, Gomes, Beas e Ortega (2018) uma empresa familiar é caracterizada quando os membros da família (um ou mais), tem participação na gestão da mesma, participando das atividades econômicas, e assim, tendo relevância na economia e na sociedade.

Para Tondo (2008) existem 3 premissas para que as empresas sejam consideradas familiares, dentre elas estão:

- a) Controle do capital social: quando uma ou mais pessoas que pertencem à família possuem a gestão e a autoridade do capital e economias da empresa;
- b) Participação ativa da família na gestão e processos da organização: onde no mínimo uma pessoa da família deve fazer parte da gestão e ser influente na determinação dos propósitos, e etc da empresa;
- c) Relação próxima entre a família e a organização: reciprocidade entre escolhas e objetivos entre ambos.

Ainda para Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), existe a diferenciação entre a empresa familiar e as organizações comuns. Na primeira delas, a principal estratégia gira em torno da adaptação e seu foco é atender colaboradores e clientes, e já na segunda, o foco é a expansão contínua e atendimento dos investidores. Ainda, a mesma também afirma que:

As empresas familiares têm a necessidade de preservar seus ativos e, ainda, manter seu patrimônio controlado pela família. Já nas empresas comuns, o objetivo é buscar a satisfação dos acionistas.

As empresas familiares possuem características particulares, diferentes das demais, e nelas acaba existindo um elo muito impactante entre o proprietário e sua empresa. Diante disto, Gersick (1997) afirma que os proprietários têm grande ciência de sua representatividade e função, e necessitam conciliar seus interesses pessoais

com os de seus parentes, tendo que ter grande flexibilidade e enfrentando grandes desafios.

Dentre as principais características, verifica-se que estão diretamente ligadas a família, mercado e negócio, e com isso, trazem fortes atributos culturais e emocionais que são de grande impacto na empresa e nos relacionamentos pessoais. Com isso, Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), destaca algumas particularidades destas empresas:

- a) Precursor tem grande importância e representatividade, e com seu óbito, pela falta de uma gestão a empresa pode não continuar;
- b) Formalidade na empresa e nas decisões é menor que nas demais, fazendo com que a tomada de decisão seja mais ágil;
- c) A agilidade pode trazer grandes benefícios, porém, pode haver a falta de organização e preparação.

Após o entendimento das características deste tipo de empresa, dos papéis que cada integrante exerce e tem importância dentro da organização, da grande representatividade das mesmas no PIB do nosso país e ainda da grande geração de emprego gerada por elas, também podemos verificar que possuem características muito peculiares e algumas que podem trazer desvantagens.

Diante disto, Silva, Vanessa F., D. et al. (2019) aponta alguns fatores que tem influência e impactos diretos no dia a dia da organização e principalmente nos resultados da empresa. Dentre eles estão:

- a) Interferência de conflitos entre família e empresa;
- b) Falta de organização;
- c) Particularização dos problemas administrativos;
- d) Utilização inadequada dos recursos da empresa pelos integrantes da família;
- e) Pouca adesão a tecnologias sistemáticas de planejamento e controle;
- f) Escolhas de funcionários e decisões de promoções, baseadas em princípios e posição familiar, etc.

Assim, com os aspectos apresentados, a sucessão é uma das grandes questões a ser analisada, para a continuidade e longevidade das organizações e para Bernhoeft (1991, p. 23) o processo sucessório em uma empresa familiar é “assunto relevante e, ao mesmo tempo, delicado. Não pode ser tratado apenas sob os aspectos puramente lógicos da administração, pois envolve pontos afetivos e emocionais relacionados com a própria estrutura familiar”.

2.1.3 Sucessão na empresa familiar

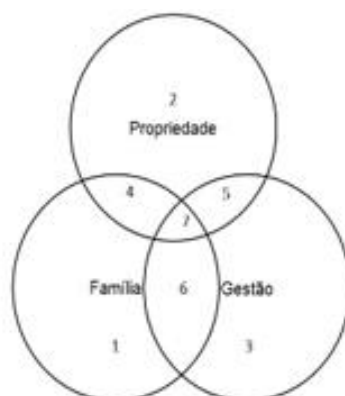
Acredita-se que o processo sucessório pode trazer bons resultados e longevidade nas empresas, se for adequado e ligado no sucessor e nos demais membros. Dentro disto, pontos como planejamento sucessório e profissionalização dos membros, são fortes meios que podem auxiliar na administração de possíveis conflitos internos e também na direção das decisões para o melhor rumo.

Lodi (1998), explica que o processo sucessório acaba sendo uma reorganização dos papéis dentro da organização, e pode ser algo que traga conflitos e disputas. Isto, ela enquadra no modelo dos três círculos, e expõe que neste sentido, cada sucessor deva exercer seu papel conforme seu enquadramento no sistema.

Conforme as pesquisas realizadas, é possível verificar que devido as empresas serem formadas por pessoas, e ainda por serem “empresas familiares”, as preferências particulares de cada membro, as emoções influenciam diretamente nas decisões e na busca de resultados da organização. Diante disto, pontos como a individualização podem trazer impactos negativos se não forem bem administrados, por exemplo.

Para os autores existem vários elementos que geram grande impacto neste processo e dentro disto, Gersick (1997), afirma que dentro dele existe um sistema que é constituído por três subsistemas: gestão/empresa, propriedade e família. Ilustrado na figura 1:

Figura 1 – Modelo dos três círculos



Fonte: Elaborado com base em Gersick et al. (1997, p. 06)

Na figura, Gersick (1997), divide os círculos em vários subgrupos, enquadrando cada participante da família em algum grupo diferente, assim, trazendo a ideia de que com essa divisão, fica mais fácil entender o papel e o que cada pessoa terá de responsabilidade dentro da empresa familiar.

Para Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), o lugar que cada pessoa ocupa nos três círculos, depende da sua relação com a organização, ocupando lugar em um ou em mais de um dos círculos. Ainda para ela, este modelo simplifica o entendimento das dificuldades, divergências e obstáculos impostos mediante as prioridades e gestão da empresa.

Os grupos são divididos em números representados conforme abaixo:

1 – Membro/integrante da família, o qual não é proprietário nem participa da gestão;

2 – Acionista, não pertencente da família proprietária e nem participante da gestão;

3 – Gestor, não pertencente da família proprietária nem da gestão, apenas funcionário;

4 – Integrante da família e possui participação na propriedade da empresa, mas sem participar da gestão;

5 – Acionista que participa da gestão, porém, não é integrante da família proprietária;

6 – Integrante da família, não possui propriedade dos bens, mas participa da gestão;

7 – Integrante da família, possui propriedade dos bens e participa ativamente da gestão.

Segundo o sistema todo o indivíduo que fizer parte de alguma organização familiar, está enquadrado em pelo menos um destes subsistemas e ele auxilia a entender e facilitar as interações dentro da empresa, e ainda conforme Gersick (1997), “o modelo de três círculos ajuda todos a ver como o papel organizacional pode influenciar o ponto de vista de uma pessoa; os conflitos de personalidade não são a única explicação”.

No primeiro círculo onde encontra-se a família, verifica-se que é o momento da tomada de decisão em relação ao crescimento e seguimento profissional dos filhos e demais integrantes. Ali, podem acontecer vários conflitos entre pais e filhos, e geralmente é na etapa da juventude dos mais novos que se dá a escolha do seu futuro profissional. Ainda, neste momento, várias gerações acabam trabalhando simultaneamente e a gestão geralmente ocorre da primeira para a segunda geração (Cassillas, et al. 2007).

No segundo círculo que é o da propriedade, verifica-se que nele se encontra a fase em que o proprietário gere totalmente os negócios da organização, e para Gersick (1997), o seguimento da propriedade segue uma sucessão previsível, principalmente desencadeada pelo envelhecimento e crescimento da família fundadora.

Neste círculo, ainda conforme exposto pela Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), as definições da propriedade podem ser determinadas conforme a dimensão da mesma. Ela também acredita que:

Uma empresa familiar pode ter sua propriedade nas mãos de um único proprietário, de irmãos ou, ainda, de primos. Quando ocorre progressão de um tipo para outro, seguindo uma sequência previsível, com base no envelhecimento e na expansão da família proprietária, temos a progressão desenvolvimentista.

Diante disto, verifica-se que para que o crescimento da empresa seja “saudável” e continue gerando resultados e crescimento, no mínimo a organização e os membros que a compõe, precisam caminhar juntos e com o mesmo objetivo.

Por fim, no terceiro círculo que é o da gestão, encontra-se a etapa de fundação e nele se busca formas de gestão e procedimentos para expansão/formalização, com a preocupação da sobrevivência por parte do precursor. Neste momento, podem ocorrer novas estratégias e renovação (Cassillas, et al. 2007).

Neste círculo, também representa a evolução da empresa ao longo de sua existência e nele, conforme Silva, Vanessa F., D. et al. (2019), existem três fases:

- 1) Início de vida da empresa: possui a etapa de formação e sobrevivência. Nela, a empresa está em plano e exige empenho por parte do realizador;
- 2) Expansão e oficialização da empresa: varia conforme o tipo de produto produzido, tornando o tempo proporcional ao tempo da sua produção;
- 3) Maturidade: ocorre quando os produtos já estão sendo comercializados e o progresso se torna mais prolongado. Nela a empresa terá de decidir entre um upgrade ou extinção do negócio, em resumo, tendo que inovar e se reinventar de acordo com o mercado ou fechar a empresa.

Este sistema, acaba se tornando um instrumento para o entendimento e gestão dos papéis na organização e propõe que cada subsistema possui seu desenvolvimento individual, pois, conforme Bottino, Carla (2019):

Para cada um dos três subsistemas – propriedade, família, gestão/empresa – existe uma dimensão separada de desenvolvimento. Cada parte muda em seu ritmo próprio e de acordo com a sua sequência, e isso se define como o modelo tridimensional de desenvolvimento da empresa familiar. Sobre a propriedade podemos dizer que existem três etapas básicas – proprietário controlador, sociedade entre irmão e consórcio de primos. Sobre a família, são quatro as principais etapas – jovem família empresária, entrada na empresa, trabalho conjunto, passagem do bastão. Sobre a empresa, são três as etapas básicas – início do negócio, expansão/ formalização e maturidade.

Diante disto, verifica-se que conforme, Cançado (2013) “as diferenças nos ciclos de vida entre as gerações da família levam divergências que precisam ser resolvidas, como forma de assegurar e equilibrar processo de sucessão”.

Para a autora do presente trabalho, existem vários fatores que influenciam na tomada de decisões do processo sucessório e da vitalidade do futuro das organizações familiares e conforme LODI, J. B (1987) existem alguns importantes conflitos de estrutura e cultura que também afetam diretamente o comportamento dos familiares.

Contudo, diante de todos os desafios enfrentados pelas empresas familiares, para entendermos mais a fundo como a sucessão rural familiar é relevante e como tem impactos nas propriedades rurais, é necessário o entendimento não somente das medidas cabíveis nesta transição, mas também da história por trás das necessidades e desde o início da agricultura familiar no nosso país.

2.2 Agricultura familiar

A agricultura familiar pode ser entendida de várias formas, mas sua principal caracterização é o fato dela ser encarregada a produzir os alimentos levados a mesa dos brasileiros, e ainda, nela encontram-se em sua grande maioria, pequenos até grandes produtores rurais (MAPA, 2019).

Para Abramovay (1998), a agricultura pode ser entendida como “aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional.” Diante disto, ele ainda afirma que nela, os âmbitos do Modelo de Três Círculos (gestão, propriedade e família) também se encontra presente.

Na sua particularidade, verifica-se que a renda é originada principalmente da produção agrícola e pecuária tendo grandes variedades, e a família que possui a gestão da propriedade, tendo relação direta com a terra, residência e espaço de trabalho. Sendo assim, a agricultura pode ser compreendida como a que possui os meios de produção e também a que comanda a cadeia produtiva.

Diante do passar dos anos, a agricultura familiar passou por várias evoluções conceituais e por isso, FLORES (1998) afirma que é “o setor da agricultura em que os

gerentes ou administradores dos estabelecimentos rurais são também os próprios trabalhadores rurais”. Ainda, diante da legislação brasileira no artigo 3º da Lei 11.326/2006, é compreendido por agricultor (a) familiar, os que estão enquadrados nos seguintes quesitos:

i) não detenha propriedade com área superior a quatro módulos fiscais; ii) utiliza mão de obra familiar nas atividades econômicas do estabelecimento; iii) tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

No Brasil, este setor tem grande representatividade e possui a maior parte da renda provinda da atividade agropecuária, sendo em sua maioria gerida e dividida pela família. E diante disto, conforme o Censo Agropecuário de 2017, existem cerca de 76,8% estabelecimentos de agricultura familiar, que ocupam em torno de 23% da área territorial produtiva relacionada a atividades agropecuárias.

Dentro do aspecto, verifica-se que a contribuição desta atividade está diretamente relacionada a economia, mas também, na sustentação das famílias em suas propriedades. No entanto, a atividade contribui de modo decisivo e é de grande importância para a sociedade pois possui um papel protagonista no confronto de futuras situações mundiais, segurança alimentar e sustentabilidade dos recursos.

Conforme afirma Schneider (2016), o trabalho vindo da agricultura familiar é distinto das demais atividades e categorias, e para que o mesmo possa ser realizado e produzido são necessárias diversas maneiras e estratégias para a continuidade de acordo com o contexto econômico e social. Ainda, ela afirma que:

As comunidades rurais em que se verifica a presença da agricultura familiar possuem vida social ativa, que, muitas vezes, reflete-se em dinâmicas locais virtuosas. A agricultura familiar também é importante para as mulheres e os jovens, pois o acesso à terra e aos ativos produtivos são recursos fundamentais para garantia de seus meios de vida nos casos em que os homens migram para trabalhar fora da agricultura (SCHNEIDER, 2016, pag. 16 e 17).

Diante do passar dos anos, a agricultura familiar sofreu várias transformações, passando a propriedades menos conservacionistas e entrando no âmbito mais sustentável, e para SILVESTRE (2017) nela também se iniciou o processo de

pluralidade onde são realizadas mais de um tipo de gerador de renda, sendo voltadas para a agricultura, ou não.

A pluriatividade dentro do contexto, é considerada um acontecimento que está presente (dentro ou fora) das propriedades familiares, onde necessariamente os integrantes mantêm o laço com o campo, moradia e vínculo com a agricultura e a vida nas propriedades. Dentro disto, conforme afirma Schneider (2003), refere-se a:

Situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção.

Com isso, Sachs (20021), afirma que para que o desenvolvimento do meio rural seja uma de forma sustentável, os agricultores familiares além de produzir os alimentos e gerir as atividades no campo, eles também tenham em sua realidade a importância e representatividade na biodiversidade mundial. O mesmo ainda afirma que “A agricultura familiar constitui assim a melhor forma de ocupação do território, respondendo a critérios sociais (geração de auto emprego e renda a um custo inferior ao da geração de empregos urbanos) e ambientais.”

Para Abramovay *et al* (1998) a agricultura familiar além de ser uma atividade relacionada a uma ocupação, também está diretamente ligada a gestão do patrimônio e do capital. Diante disto, para manter o negócio e a organização com crescente vitalidade, é imprescindível que se tenha a mão de obra familiar, mas também, do olhar encarregado em formar pessoas que venham a ser os futuros sucessores da organização.

Com estes conceitos, Wanderley (2001), especifica que as famílias produzem para seu consumo e para a venda, juntamente com o fornecimento da mão de obra, tendo como estrutura família-produção-trabalho. Ainda conforme o mesmo, esta organização tem resultados específicos que resultam no conceito principal de agricultura familiar.

Contudo, dentre os aspectos internos das organizações familiares, verifica-se que ela pode ser classificada em “agricultura familiar” ou “agricultura patronal”. Dentro disto, conforme relatório do FAO/INCRA (1994), o familiar realiza sua produção com

destaque na variedade de produtos, tomada de decisão instantânea conforme o momento e sua complexidade e ainda na preservação dos recursos naturais. Já na patronal, é ressaltado o fato do aperfeiçoamento e padronização com o uso de tecnologias. Em resumo, podem ser verificadas no quadro 1:

Quadro 1 – Comparação entre a agricultura patronal e agricultura familiar

Agricultura patronal	Agricultura familiar
➤ Completa separação entre gestão e trabalho.	➤ Trabalho e gestão intimamente relacionados.
➤ Organização centralizada.	➤ Direção do processo produtivo realizado pelos agricultores e suas famílias.
➤ Ênfase na especialização.	➤ Ênfase na diversificação.
➤ Ênfase nas práticas agrícolas padronizáveis.	➤ Ênfase na durabilidade dos recursos naturais.
➤ Trabalho assalariado predominante.	➤ Trabalho assalariado complementar.
➤ Tecnologias dirigidas, eliminação de decisão de “terreno e de momento”.	➤ Decisões imediatas adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Fonte: FAO/INCRA, 1994.

Contudo, verifica-se que as famílias agriculturas possuem vários obstáculos e especificações que interferem ao seu desenvolvimento, que impactam diretamente no quesito de sucessão, trazendo grandes preocupações, frente a diversos desafios advindos de várias gerações culturais e de grandes transformações econômicas, sociais e tecnológicas, a fim de evitar o êxodo rural.

2.2.1 Sucessão na agricultura familiar

Diante dos conceitos de sucessão e de agricultura familiar já apresentados no presente trabalho, verifica-se que o tema é de grande importância visto o fato de a agricultura ser responsável pela maior parte da produção de alimentos do nosso país. Com isto, as propriedades podem ser vistas como empresas familiares, das quais possuem características específicas a serem abordadas para o desenvolvimento, planejamento e futura sucessão e continuidade do negócio.

Para Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR (2022), a sucessão das propriedades é um procedimento social que abrange desde o preparo do sucessor,

até os recursos disponíveis na organização, incluindo fatores como tecnologias, legislações, custos, entre outros, que impactam diretamente no processo.

Dentro do contexto, verificam-se também dificuldades na sucessão paterna das propriedades rurais, pois possuem variáveis como gênero, educação e formação educacional, e a renda familiar, por exemplo. Então, além disto, é muito da antiguidade que a sucessão era “natural”, quando o patriarca apropriava seus filhos a ficar nas propriedades, “repartindo ou comprando terras agregadas no intuito de instalar os filhos próximos, mas de forma independente; por sua vez, estes cuidariam dos pais com a promessa de herança” (Oliveira, M. F., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. C. (2021) apud (Abramovay et al., 1998).

Diante do principal tema abordado no presente estudo, verifica-se que sobre a sucessão rural familiar, SPANEVELLO (2008), explica sua percepção sobre o tema:

A agricultura é uma ocupação que busca assegurar a continuidade patrimonial da família através da transmissão aos seus descendentes. A lógica da sucessão baseia-se na necessidade de manter o patrimônio familiar representado pela terra. Para manter assegurada essa lógica, os agricultores buscam entre seus filhos um sucessor para seu patrimônio.

Por isso, considerando as formas de crescimento juntamente com a inexistência de um sucessor, as propriedades podem ter impactos na sua produção e períodos de pouca ou nenhuma evolução tecnológica e até afastamento de possíveis sucessores (Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR apud Wheeler et al., 2012).

Assim, uma das formas mais debatidas entre os autores, é o fomento da conversa familiar acerca do assunto, conforme afirma (Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR apud Keating & Litte, 1998) “a discussão familiar sobre a sucessão na propriedade e a divisão do trabalho entre os filhos ajuda os jovens a se posicionarem profissionalmente na agricultura. Assim, os filhos dos agricultores aprendem, colaboram e reconhecem seus direitos e deveres dentro da atividade desde cedo.”

Para autora do presente trabalho, as pequenas propriedades rurais necessitam de um olhar focado de diversos setores do poder público, para incentivar e promover a dedicação das famílias em evitar o êxodo rural, com a promoção de futuros sucessores. Assim, é percebido que existe uma falta de estímulo à continuação do negócio por parte da família, que conseqüentemente causa o abandono das

atividades do campo, e a maior ambição de crescimento nos grandes centros (POTRICH;GRZYBOVSKI;TOEBE,2016).

De acordo com os resultados do Censo, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o exôdo rural é alarmante. Os resultados revelaram que o número de jovens que saíram das propriedades rurais familiares e foram buscar novas oportunidades nos grandes centros, caiu de 8,6 milhões para 7,9 milhões de jovens em 2010.

O último censo agropecuário realizado em 2017, ainda nos traz grandes informações pertinentes quando se trata de uma possível sucessão nas propriedades. Alguns dados e detalhes importantes referentes ao Rio Grande do Sul (IBGE, 2022), podem ser verificados abaixo:

- a) O número de estabelecimentos agropecuários existentes 365.094;
- b) Pessoal ocupado nos estabelecimentos: 992.413 pessoas (dentro disto 12% são mulheres e 88% homens);
- c) 81% destas pessoas possuem laço de parentesco com o produtor;
- d) Em torno de 22% destas pessoas possuem grau de escolaridade maior que o ensino médio;
- e) 69% dos produtores nunca obtiveram financiamento;
- f) 50% dos estabelecimentos já possuem pelo menos 1 trator;
- g) 36% das áreas utilizadas é para lavoura e 42% para pastagens.

Diante disto, é possível constatar que a tecnologia já está presente nas propriedades rurais, porém, necessitam de grande impulso ao desenvolvimento e também de apoio governamental com crédito, assistência técnica, incentivos a sucessão e maior discussão do assunto. Ainda, conforme os resultados, somente 41,1% dos estabelecimentos agropecuários do Rio Grande do Sul, possuem acesso à internet.

Ao longo do passar dos anos, verifica-se que o uso de tecnologias e implantação de novas ideias no campo vem crescendo e oferecendo oportunidades de trabalho, porém, conforme afirma a Organização das Nações Unidas para

Alimentação e Agricultura (FAO) “sem sucessão, a diversidade de produção de alimentos da agricultura familiar vai ficar comprometida”.

Contudo, levando em consideração os dados apresentados do último Censo (2017), os resultados podem estar diretamente relacionados com pontos impactantes no que diz respeito a permanência dos jovens e continuidade das propriedades rurais. Diante disto, para Breitenbach, R., & Corazza, G. (apud Arends-Kuenningy et al., 2020) afirmam que:

A quantidade de área também afeta, e propriedades com mais de 100 hectares têm maior probabilidade de ter um sucessor familiar do que propriedades menores. Também, aqueles agricultores com educação universitária têm menos probabilidade de passar suas propriedades para os filhos, comparativamente com agricultores com menos educação. As taxas de sucessão podem ser maiores se ocorrer participação em políticas agrícolas, como o Pronaf, bem como programas governamentais que fornecem crédito subsidiado e incentivam as famílias a fazer planos de sucessão.

Na problemática, Breitenbach, R., & Corazza, G. (2021) relatam que o pouco interesse dos jovens e a baixa taxa de sucessão nas propriedades rurais, influenciam na diminuição do número de produtores rurais, implicando nas indústrias, uso da terra e futuro sustentável das propriedades e comunidades rurais.

Neste sentido, para que a sucessão exista e seja um tema cada dia mais tratado, é imprescindível que haja uma conversa entre pais e filhos, com intuito de uma organização e planejamento do futuro do negócio, onde possíveis sucessores sintam-se preparados para enfrentar diversos desafios advindos de várias gerações culturais e de grandes transformações econômicas, sociais e tecnológicas.

Dentro do contexto, a atualidade apresenta indícios de que a falta de planejamento é crucial para o crescimento e propagação de inovações na agricultura (Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR apud Potter & Lobley, 1996), e com isto, o uso da terra, a segurança alimentar e a sustentabilidade do agronegócio são afetadas diretamente. Por isso, Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR (2022) afirmam que “planejar e implementar a sucessão agrícola é essencial para inovar positivamente e motivar a expansão do agronegócio. Qualquer falha no processo sucessório pode gerar prejuízos e danos à fazenda.”

Já em relação aos principais pontos que afetam este processo, Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR (2022) afirmam que dentre eles estão o grau de escolaridade e a dimensão da terra, mas também conforme citado por Kruger e cols. (2020), a responsabilização e gestão são imprescindíveis.

O assunto foi pauta de alguns estudos realizados no Rio Grande do Sul e também no Brasil, onde Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019) apud (Redin, 2009; Redin & Silveira, 2012) e Brasil (Castro, 2013) foram ponderados fatores de grande importância na falta de interesse dos jovens na permanência do meio rural:

Desinteresse pelo trabalho na terra e a atração pelos centros urbanos na esperança e busca por melhores condições de vida; falta de gestão da economia familiar e a baixa expectativa de renda neste tipo de agricultura; intenção de buscar por melhores opções de infraestrutura, lazer e serviços públicos; dificuldade de reprodução das pequenas famílias rurais; e, tensões que surgem nas relações de autoridade na família. Isto fomenta a dualidade «ficar ou sair» do campo e são fatores determinantes para o êxodo rural da juventude.

Neste processo, pode-se verificar que sucessores desejam ter liberdade e independência na tomada de decisão, bem como qualidade de vida e trabalho, independência financeira e opções de crédito (Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR apud Potter & Loble, 1996), Porém, antes de todos estes aspectos, um dos principais está relacionado ao processo sucessório, que pode trazer várias dificuldades e percalços ao longo do caminho, causando assim, o êxodo rural.

Dentre todos aspectos que podem estar relacionados a esta transição da sucessão, podem ser verificados que alguns são de maior relevância causando maiores impactos tanto para o proprietário, quanto para seus possíveis sucessores. Por isto, Kischener, M.; Kiyota, N.; Perondi, M. (2015), aponta que existem 8 fatores presentes na dinâmica da sucessão, conforme demonstrado no quadro 2:

Quadro 2 – Fatores de influência no processo de sucessão

(Continua)

FATORES	EXPLICAÇÃO
1) História	O modelo de agricultura familiar, se reproduziu principalmente com a compra de terras de vizinhos e veio com fortes influencias dos imigrantes europeus ao Brasil, e a sucessão passou a ser vista como "passado-presente-futuro", onde em tese, os pais trabalham para seus filhos.

2) Cultura	Antigamente, as estratégias e aspectos culturais, consistiam no casamento das mulheres com filhos de outros agricultores, fazendo com que a preferência fosse maior aos filhos homens do que as filhas mulheres. O trabalho advindo das mulheres era considerado uma "ajuda", e elas, eram designadas a realizar as tarefas domésticas, sendo considerado trabalho "leve", no qual era praticamente invisível, sendo praticado no interior das propriedades
3) Renda	Considera-se que a renda é menor em relação aos trabalhos assalariados, impulsionando assim a saída de alguns membros das famílias em busca de outras oportunidades.
4) Escolaridade	Inicialmente o cultivo era realizado por meios mais rudimentares de produção, e ao longo dos anos, assim, "saia-se da agricultura para estudar" e a tendência era maior nas mulheres.
5) Projetos de vida dos jovens	Na atualidade, devido ao maior acesso a educação, políticas públicas e etc., os projetos de vida dos jovens acabam se impoanto aos projetos dos pais, parecendo com que o meio rural não possua atrativos e subsídios o suficiente para o seu futuro. Mas, a educação também pode contribuir com o auxílio a novas ideias de inovação, trazendo uma nova concepção ao permanecer nas propriedades.
6) Sociabilidade urbana	Historicamente, a sociedade impôs oposições entre o campo e a cidade, fazendo com que os jovens vivem uma dupla dinâmica social com barreiras familiares de um lado e a cidade urbana de outro.
7) Comunidade	São o agrupamento de pessoas que mantem ligações de parentesco ou vizinhança, redes de troca, continuidades (ou não) de gerações e relações sociais, que podem impactar na sucessão no sentido de pertencimento para uma possível permanência na propriedade da família.
8) Trabalho	Falta de tecnologias e penosidade do trabalho, são fatores que contribuem e influenciam para a permanência dos jovens na propriedade da família.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Acerca destas condições, Breitenbach, R., & Corazza, G., ponderam que permanecer ou sair das propriedades rurais, também pode estar relacionada a múltiplas questões como “atributos de qualidade de vida, como sossego, tranquilidade, ausência de barulhos e do trânsito, presença da família no local”, o qual serão verificados mais a fundo no próximo tópico.

2.2.2 Atrativos da propriedade rural no contexto atual

Considerando a grande diversidade social existente entre o meio rural e o meio urbano, pode-se verificar que existe uma diferença entre o “jovem rural” e o “jovem urbano” e por isso, Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019), afirmam que:

O jovem rural, diferentemente do urbano, tem como forma de inserção social o espaço rural, modelando sua concepção devida e de mundo. Estes jovens são mais vulneráveis socialmente, vivendo em uma situação diferente, sob alguns aspectos, do que os do meio urbano, que acessam e têm oportunidades distintas.

O assunto em questão, foi verificado pelo tema de “sociologia rural” no qual busca compreender o hemisfério rural, onde “ruralidade é vista como um fenômeno social e subjetivamente construído, situado muito mais na mente das pessoas do que propriamente enquanto realidade material e objetiva” (Monteiro, R., & Mujica, F. P. (2022) apud Anjos & Caldas, 2014, p. 57). Ainda, dentro do contexto, para Abramovay (2000) “as cidades não são definidas pela indústria nem o campo pela agricultura” (p. 6) e enfatiza que “o rural não é definido por oposição e sim na sua relação com as cidades” (p. 2).

Alguns aspectos que podem ser de grande relevância na permanência ou não dos jovens nas propriedades, conforme afirma Oliveira, M. F., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. C. (2021) apud (Abramovay et al., 1998; Jurado & Tobasura, 2012; Panno & Machado, 2014; Simioni, 2013; Savian, 2014; Castro, 2017), são:

Políticas públicas atraentes, direcionamento acadêmico estudantil no desenvolvimento das pequenas propriedades rurais, proximidade e atratividade dos centros urbanos, influências internas relacionadas à composição da família, tais como nível de riqueza, escolaridade, faixa etária e gênero.

Dentro deste ponto, conforme afirmam Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019) apud Castro, 2013, 2009, o jovem tem sua identidade desenvolvida com conversas sobre o meio rural e o meio urbano, com referência ao tempo e espaço. Por isso, podem se “construir” em sociedade, por meio de suas referências heterogêneas em interesses e realidades, com maior capacidade de agregar mudanças e inovações.

O assunto já foi verificado mediante vários estudos, e conforme resultados de uma pesquisa de 2013 em Jarundí/Colômbia, foi concluído que os jovens participam em várias dimensões que são referentes as várias causas tanto individuais quanto coletivas. Com isso, os resultados são ressignificados na prática tradicional da agricultura familiar, pois trazem maior propriedade das novas formas de mercado (Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019) apud Agudelo-Ramírez et al., 2013)

Dentro deste contexto, muito era tratado que as propriedades rurais de certa forma moldavam as identidades dos produtores rurais, os quais sofriam influências relacionadas a forma de viver e de se portar, e também refletia na produção para o

consumo das famílias, porém, nos dias atuais as propriedades não são somente para o consumo das famílias, e sim, operam com novas formas de negócios econômicos (Boeira, E. N, e Zonin, V. J 2020)

Entretanto, dentre os estudos realizados ao longo dos anos, verificou-se grande importância ao fato de que a permanência dos jovens está direcionada a questões de renda oriunda das atividades realizadas, e por isso, Boeira, E. N, e Zonin, V. J 2020 apud Brumer e Spavenello (2008) enfatizam que:

[...] não são únicos nem isolados, mas interligados entre si e dizem respeito às condições socioeconômicas familiares e da unidade produtiva; ao tipo de trabalho (agrícola ou não agrícola) realizado; às oportunidades de trabalho existentes na agricultura familiar e em atividades não agrícolas no meio rural ou nas cidades próximas aos locais de residência, para jovens de ambos os eixos; à educação; ao acesso ao lazer, ao tipo de lazer existente e às expectativas dos jovens sobre o lazer no meio rural; à participação e ao envolvimento em movimentos sociais; à possibilidade de o jovem ter trabalho remunerado e autonomia para tomar decisões sobre seu trabalho e seus gastos pessoais; à perspectiva de herdar a propriedade; à percepção sobre o trabalho agrícola e o modo de vida no meio rural; ao acesso ao crédito e a políticas públicas de auxílio aos jovens; à perspectiva matrimonial com moças ou rapazes do meio rural. São dimensões que constroem as razões e as motivações dos jovens de querer ou não ser agricultor(a), de querer ou não ficar no meio rural.

Perante isto, é possível levar em consideração que o meio urbano possa oferecer melhores condições de trabalho e salário, porém, também é possível ponderar que mesmo com as dificuldades impostas pelo meio rural, a cada dia o meio oferece vantagens em qualidade de vida, relações familiares, e aumento das tecnologias que impactam na diminuição de trabalhos pesados e manuais.

Ainda, pode-se afirmar que a juventude está muito diversificada e possui características próprias, utilizando os meios que lhe são oferecidos pela sociedade para construir sua própria identidade pessoal e social. Mas, algumas pesquisas realizadas no Brasil, também sobressaltam que os jovens acabam levando com certa intensidade, “o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um ambiente marcado por condições econômicas e sociais difíceis para a produção familiar” (Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019) apud Castro, 2013; Redin, Silveira, Guimarães, & Santos, 2013).

Uma conversa realizada com alguns jovens, mostrou fatores que podem levar a tomada de decisão entre permanecer ou não na propriedade rural. Dentre elas estão

o “sentimento, independência financeira, melhor qualidade de vida no campo,” (Oliveira, M. F., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. C. (2021)), e abaixo estão ponderadas os fatores e seus contrapontos:

- a) Permanecer na propriedade e conciliar com outro trabalho no meio rural. Dentro disto, pode-se ter um sentimento de pertencimento, autonomia para sugestão de melhorias e um resultado de relacionamento positivo;
- b) Sair completamente do meio rural para se dedicar a um trabalho no meio urbano. O qual é relatado sentimento de independência, e pouco diálogo com a família em relação a tomada de decisão dos assuntos da propriedade;
- c) Dedicção ao trabalho na cidade e posterior retorno a propriedade rural a fim de tocar o empreendimento rural. O qual trouxe um olhar empreendedor em busca de novas tecnologias e inovação na propriedade, melhor qualidade de vida considerando que os ambientes fornecem experiências “mais leves” e “sem pressão” e ainda, apoio da família ao gerenciar a propriedade.

Neste processo de sucessão, pode-se afirmar que os jovens são importantes elementos no que se refere ao desenvolvimento e olhar para inovações e transformações, e ainda, auxiliam na criatividade das comunicações e tomada de decisões (Breitenbach, R., & Corazza, G. apud Espíndola, 2002). Por isto, os mesmos afirmam que estes processos de industrialização e urbanização das comunidades rurais, acabam sendo geradores de mudanças territoriais, culturais e sociais, assim como os que acontecem no meio urbano.

As mudanças provenientes das novas técnicas de industrialização e urbanização da agricultura e suas comunidades, tornam o meio rural complicado e diverso, assim, tornando com que algumas características entre meio rural e urbano sejam compartilhadas: transformações territoriais e ocupacionais, culturais e sociais, entre outras (Breitenbach, R., & Corazza, G. apud Aguirre-Pastén et al., 2017).

2.3 Agricultura no Brasil e suas transformações

No Brasil, a agricultura familiar é um tema que gerou grande representatividade e começou gerar crescentes debates na política e sociedade a partir de 1990, quando se deu início ao PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar. Este, foi criado pelo governo em meados de 1995, com o objetivo de viabilizar e facilitar a evolução rural e a segurança alimentar (Relatório de Políticas Públicas do Governo).

De maneira geral, a agricultura camponesa no Brasil, surgiu econômica e socialmente com fins de gerir a terra (meio de produção) e não é algo recente e novo. Dentro desta concepção, Grisa e Schneider (2014) expõem que a agricultura familiar no Brasil teve 3 significativos ciclos:

- a) Referencial Global: está relacionado em relação ao mundo, sem considerar setores, domínios ou políticas. É dentro deste, que se criam as diferentes posições setoriais.
- b) Referencial Setorial: está relacionado a um setor dentro de comunidades ou assuntos.
- c) Referencial de Política Pública: se relaciona devido a construção do referencial global e setorial. É nele que é verificado a complexidade do problema para uma posterior definição de uma ação pública. “Este referencial é objeto de negociação permanente entre os protagonistas das trocas políticas, sendo suscetível de inclusões, recortes e transformações em função das relações de força e dos objetivos políticos dos diferentes atores envolvidos na construção da política pública.” (GRISA E SCHNEIDER, 2014).

Ainda, a modernização da agricultura brasileira, teve seu crescente juntamente da “modernização conservadora”, após o regime militar, pois foi nesta época, que a economia cresceu com capital estrangeiro, sem a grande influência da cultura tradicional Monteiro, R., & Mujica, F. P. (2022).

Dentro disto, Monteiro, R., & Mujica, F. P. (2022) apud Lima, 2005, p. 50, afirmam que houve dois pontos de influência: o minifúndio que atrasava a produção e a falta de trabalho assalariado, que retardava a expansão do consumo da produção rural para os produtos industriais. Por isto, nesta época a agricultura brasileira iniciou

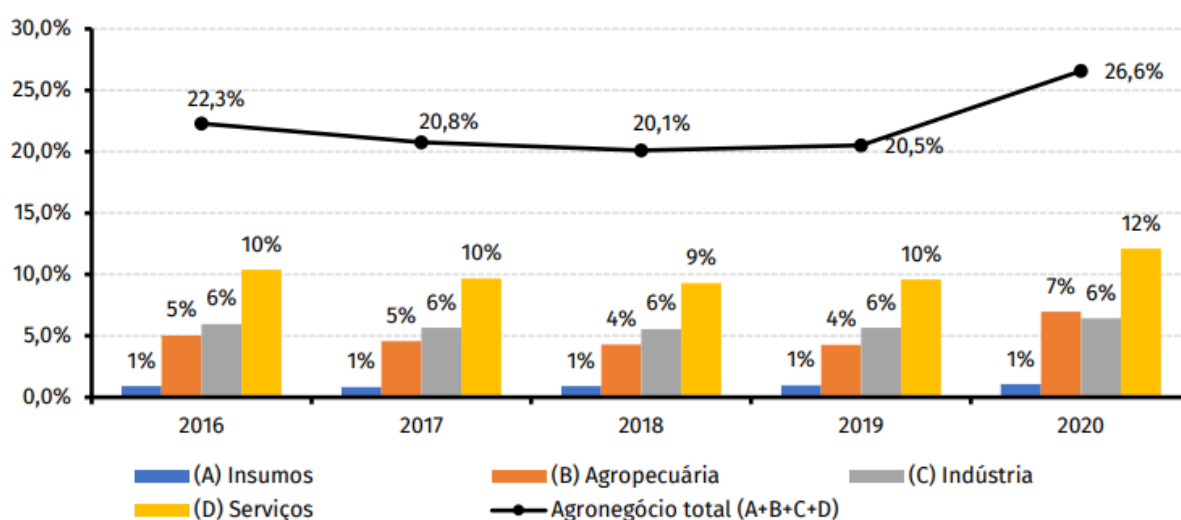
a dependência do capital estrangeiro através da aquisição de equipamentos e de commodities (Monteiro, R., & Mujica, F. P. (2022)

Contudo, pode-se verificar que a evolução do olhar relacionado a agricultura familiar continua em crescente, e nele, com o acesso a financiamentos e políticas públicas, é possível que os agricultores familiares tenham mais facilidade de acesso ao aumento da capacidade produtiva, aquisições de novas tecnologias e modernização do campo com máquinas e equipamentos.

Diante disto, o Painel do Agronegócio da agricultura familiar do Rio Grande do Sul, realizado em 2021 demonstra a evolução dos segmentos na participação do PIB (Produto Interno Bruto), ao longo das últimas décadas, que “em um contexto de acelerado crescimento da demanda externa e intensas transformações tecnológicas e institucionais na agricultura brasileira, o setor constituiu-se em importante fonte de dinamismo para a economia nacional” (FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; BORGES, B. K. Painel do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2021).

Os dados registram que aproximadamente 26,6% do PIB é advindo das atividades agrícolas e pecuárias, conforme gráfico 1:

Gráfico 1 – Evolução do PIB resultado das atividades agrícolas e pecuárias



Fonte: Painel do Agronegócio 2021, apud Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-USP) (2021).

Com isto, o valor interno bruto (VAB¹) do RS foi contribuído com em torno de 11,5% do seu total, proveniente da agropecuária brasileira, e de acordo com FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; BORGES, B. K. Painel do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2021, considerando as regiões, e o PIB municipal, a agropecuária foi responsável por mais de 30% da atividade econômica em 268 municípios gaúchos, sendo superior a 50% em 73 deles (apud RIO GRANDE DO SUL, 2020b).

Ainda, pode-se verificar de acordo com o Painel do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2021 que a distribuição e organização das propriedades rurais está muito diversificada conforme regiões e isto também reflete em flutuações na produção agropecuária do estado. O quadro 3 demonstra o Valor Adicionado Bruto (VAB) da agropecuária, do Produto Interno Bruto (PIB) e participação do Rio Grande do Sul na economia do Brasil — 2011-20:

Quadro 3 - Evolução do PIB resultado das atividades agrícolas e pecuárias

ANOS	VAB DA AGROPECUÁRIA DO RS	PIB DO RS	PIB DO BRASIL	PARTICIPAÇÃO DO PIB DO RS NO PIB DO BRASIL
2011	13,8	4,6	4,0	6,2
2012	-32,4	-2,1	1,9	6,1
2013	56,9	8,5	3,0	6,0
2014	-3,8	-0,3	0,5	6,2
2015	9,5	-4,6	-3,5	6,4
2016	-0,2	-2,4	-3,3	6,5
2017	11,4	1,8	1,3	6,4
2018	-7,1	2,0	1,8	6,5
2019 (1)	6,0	2,0	1,4	6,4
2020 (1)	-29,6	-7,0	-4,1	6,4

Fonte: Painel do Agronegócio do Rio Grande do Sul – 2021, apud PIB Trimestral (RIO GRANDE DO SUL, 2021b). Sistema de Contas Nacionais Trimestrais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021b).

Concluindo os dados apresentados, é possível identificar oscilações nos números da agricultura do nosso estado, mas também, pode-se concluir que a agropecuária possui enorme participação no crescimento e evolução da atividade econômica dos últimos anos, juntamente com a inserção de tecnologia e máquinas e equipamentos trazendo novas técnicas de cultivo.

3. METODOLOGIA

O presente estudo, será aprofundado mediante pesquisa, com o objetivo de buscar determinados resultados. Serão realizados alguns procedimentos que auxiliarão na investigação dos dados, e conforme Lozada e Nunes (2018), “o método científico é a sequência de operações realizadas com a intenção de alcançar certo resultado, sendo um modo sistemático e ordenados de pensar e investigar, formando um conjunto de procedimentos que permitem alcançar verdade científica.”

Dentro deste contexto, ainda conforme Lozada e Nunes (2018), para que se tenha resultados objetivos, precisos e sistemáticos, é imprescindível que sejam utilizados métodos rigorosos, e por isto, defendem que:

O método seja entendido como o conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas de forma regular e passíveis de serem repetidos para se alcançar um objetivo material ou conceitual e para se compreender o processo de investigação. O método se apoia em procedimentos lógicos para alcançar uma verdade científica, ou seja, é o conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para se chegar ao conhecimento (LOZADA e NUNES 2018, apud CRESWELL, 2010; MATIAS-PEREIRA, 2016; SEVERINO, 2007).

Ainda, conforme Pereira (2019), os métodos de pesquisa são meios que os exploradores possuem para analisar e explicar a efetividade dos fatos aprofundados. Então, “os instrumentos e procedimentos usados na investigação sociológica devem satisfazer os critérios metodológicos, pressupondo, logicamente, uma teoria substantiva.” (PEREIRA, 2019, p. 41)

Desta forma, conforme afirmam Marconi e Lakatos (2017), existem métodos de abordagem que definem o método de pesquisa. Por isso, concluem que “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando o cientista em suas decisões”.

Dentro do conceito de método, verifica-se que Marconi e Lakatos (2017) englobam alguns, conforme quadro 4:

Quadro 4 – Tipos de métodos de pesquisa

MÉTODO INDUTIVO	Parte de conclusões particulares até leis e teorias, aproximando fatos (conexão ascendente).
MÉTODO DEDUTIVO	Parte de leis e teorias e prevê acontecimentos particulares (conexão descendente).
MÉTODO HIPOTÉTICO-DEDUTIVO	Parte de uma ideia de conhecimento, que cria hipóteses, então pelo processo de inferência dedutiva, está a predição dos fatos que estavam dentro da hipótese.
MÉTODO DIALÉTICO	Entra no universo dos acontecimentos por meio da sua reciprocidade, da contradição dos fatos e da mudança ocorrida na natureza e sociedade.

Fonte: elaborado pela autora com base em Marconi e Lakatos (2017)

Diante dos conceitos apresentados, pode-se verificar que é de suma importância que o pesquisador defina claramente como realizará sua pesquisa e qual será seu público alvo, com o objetivo de poder chegar ao alcance máximo de qualidade e resultados.

Além dos métodos citados anteriormente, a metodologia ainda pode ter dois tipos de abordagens diferentes: pesquisa qualitativa (a qual não é possível quantificar) e a pesquisa quantitativa (possível quantificar por numeração).

Assim, Marconi e Lakatos (2017) apud Sampieri, Collado e Lucio (2013) afirmam que na abordagem quantitativa busca uma previsão e explicação com dados mensuráveis, ao contrário da abordagem qualitativa que se baseia na exploração, caracterização para então compreensão do problema. Desta forma:

A abordagem quantitativa pressupõe um mundo constituído e regido por lei invariáveis, que podem ser verificadas e previstas. Já a abordagem qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Marconi e Lakatos (2017) apud CHIZZOTTI, 2017, p. 98).

Dentro dos objetivos, ainda é possível identificar três tipos de pesquisas que podem ser divididas em: exploratórias, descritivas e explicativas. Ambas, conforme Marconi e Lakatos (2017) apud Selltitz, GIL (2017, P. 26), podem ser verificadas conforme abaixo:

- a) Pesquisa Exploratória: a coleta de dados engloba levantamento bibliográfico, entrevistas, levantamento de campo. Nela o pesquisador busca analisar os

exemplos que auxiliam na compreensão dos mesmos, com o objetivo de deduzir hipóteses.

- b) Pesquisa Descritiva: nela o pesquisador busca descrever características de uma população, e identificação de variáveis, com o estabelecer relações entre as variáveis. São levados em consideração grupos, idade, sexo, escolaridade, etc., e a pesquisa engloba coleta de dados como questionário e observação sistemática.
- c) Pesquisa Explicativa: nela o pesquisador tem o objetivo de descobrir quais fatores contribuíram para o acontecimento, utilizando métodos observacionais. Aprofunda a realidade e busca a razão e “porque” das coisas.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Com base nestas delimitações, no presente estudo foi realizado uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa realizada em duas frentes: a primeira com os proprietários e a segunda com seus filhos e/ou possíveis herdeiros/sucedores.

Por isso, conforme afirmam Marconi e Lakatos (2017) apud Gil (2016), o delineamento “o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas”. Baseado nisto, a pesquisa foi realizada na Região do Vale do Caí, situada no Rio grande do Sul, com foco nos pequenos proprietários e famílias do meio rural (incluindo seus filhos e possíveis sucessores) das mais variadas idades e situações atuais de vida.

Dentro disto, foram abordadas questões básicas como idade, escolaridade e renda e posteriormente, questões aprofundadas sobre entendimento dos mesmos em relação a sucessão, se há um planejamento para possíveis sucessores, e etc.

Para isto, se faz necessário a aplicação de um instrumento de pesquisa que seja claro, objetivo e que os respondentes possam responder com sua devida realidade.

3.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa foi desenvolvido por meio de um roteiro de entrevista de coleta de dados que inclui várias perguntas abertas sem delimitações de respostas e opiniões, que serão respondidas individualmente por cada entrevistado.

Por isso, conforme afirmam Marconi e Lakatos (2017) ‘instrumento de pesquisa oferece a vantagem da economia de custo, de tempo, bem como pode atingir um grande número de pessoas e proporcionar menor risco de interferência do pesquisador nas respostas dos pesquisados’.

Ainda, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, Marconi e Lakatos (2017) destacam que “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”, e não somente a exploração de opiniões.

Partindo deste pressuposto, a partir dos roteiros de entrevista (apêndice A e B), foram aplicadas 15 perguntas aos públicos escolhidos, buscando compreender o ponto de vista e as realidades do dia a dia das famílias das propriedades rurais da região do Vale do Caí.

Para isto, foi aplicado o pré-teste a 1 proprietário e 1 sucessor, com o objetivo de ajustar e ou modelar da melhor forma possível o questionário, onde foram respondidas todas as 15 perguntas e foram ajustados alguns termos perguntas de acordo com a percepção das respostas e algumas dificuldades de entendimento.

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com produtores rurais e seus filhos/possíveis sucessores, resididos e sediados na região do Vale do Caí, das mais variadas idades para resulte em uma boa qualidade de estudo e aprofundamento.

Dentre eles estão produtores de frutas, hortaliças, aves e bovinos, entre outros, e que possuem desde pequenas até médias propriedades. Ainda há os que possuem

vários anos de propriedade e os que iniciaram há pouco tempo, justamente com o intuito de colher várias percepções e realidades sobre o assunto.

Foram entrevistadas 10 proprietários e 12 possíveis sucessores, dos quais possuem alguma relação com propriedades rurais, nas comunidades do interior da cidade de Feliz-RS.

3.4 PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Com base nos objetivos apresentados que se desejam alcançar com o presente estudo, será feita a coleta de dados e sua respectiva investigação, portanto Yian (2016) defende que:

O investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Não se admitem regras precisas nem o estabelecimento de problemas, hipóteses e variáveis antecipadamente. Antes, a delimitação do problema pressupõe que o pesquisador se aprofunde na vivência com o objeto de sua pesquisa, considerando os aspectos mais diversos da vida, do passado e das circunstâncias atuais que condicionam o problema. (YIAN, 2016, p. 304).

Com isto, neste processo de coleta de dados, criam-se possibilidades essenciais para a aprofundamento e esclarecimento do tema, e ainda, conforme Marconi e Lakatos (2017) apontam que no campo terá dados para busca dos dados (incluindo, observação, entrevista, relatos das histórias de vida, entre outros).

Nesta etapa, as entrevistas foram realizadas no período de agosto a outubro de 2022, mediante agendamento prévio, por meio da aplicação do questionário de 15 perguntas, nas quais foram respondidas pessoalmente, por áudio ou ligação, com os proprietários e sucessores (filhos).

3.5 PROCESSO DE ANÁLISE DE DADOS

A análise e discussão dos resultados, será a etapa em que serão compilados todas as respectivas respostas aplicadas nos dois roteiros de entrevista, e conforme Pereira (2019), ela deve “atender aos objetivos da pesquisa e para comparar e

confrontar dados e provas com o objetivo de confirmar ou rejeitar a(s) hipótese(s) ou os pressupostos da pesquisa.” (PEREIRA, 2019, p. 95).

Desta forma, a técnica que foi utilizada pelo pesquisador, se deu por diálogo (direcionado pelo questionário) com a devida interação, com as perguntas formuladas especificamente ao público agricultor, afim de oportunizar respostas espontâneas.

Através da análise de dados, buscou-se atender os objetivos da pesquisa deste estudo para verificar como o fenômeno “sucessão rural familiar” se comporta dentro do grupo das pessoas entrevistadas incluindo proprietários e sucessores, e sua relevância bem como pontos que impactam sobre o mesmo.

4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

O presente capítulo deste estudo, demonstra o desenvolvimento e os respectivos resultados atingidos com a pesquisa qualitativa aplicada a produtores agrícolas e pecuários, localizados na região da cidade de Feliz/RS.

Com a análise destes resultados, pretende-se verificar a presença do assunto “sucessão rural familiar” no dia a dia das famílias, bem como entender quais são as visões tanto de proprietários, quanto de atuais e/ou futuros sucessores das propriedades.

A pesquisa qualitativa foi realizada através de dois questionários elaborados para ambas situações em que respondentes pudessem se encontrar (proprietário/sucessor), e cada respondente teve a oportunidade de expressar seu ponto de vista em 15 perguntas, por áudio ou através de conversa no qual foram registradas as respostas. Entretanto, a partir deste momento será evidenciada a análise dos dados.

4.1 RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA

4.1.1 Pesquisa com proprietários

As entrevistas foram aplicadas à 10 respondentes que são proprietários, os quais possuem as seguintes características de perfil (explícitas na tabela 1), referentes à: idade, formação acadêmica e localidade:

Tabela 1 – Características dos respondentes – PROPRIETÁRIOS

(Continua)

RESPONDENTES	IDADE	ESCOLARIDADE	LOCALIDADE	PROPRIEDADE EM HA
A	33 anos	Superior completo	Escadinhas/Feliz - RS	5 hectares
B	57 anos	Médio incompleto	Vale do Lobo/RS - RS	4 hectares
C	37 anos	Médio completo	Roncador/Feliz - RS	30 hectares
D	46 anos	Médio completo	Vale do Lobo/RS - RS	1 hectares
E	39 anos	Superior incompleto	Escadinhas/Feliz - RS	1,4 hectares
F	34 anos	Superior incompleto	Roncador/Feliz - RS	2 hectares
G	42 anos	Médio incompleto	Roncador/Feliz - RS	0,5 hectare
H	50 anos	Médio incompleto	Roncador/Feliz - RS	1 hectare

(Conclusão)

RESPONDENTES	IDADE	ESCOLARIDADE	LOCALIDADE	PROPRIEDADE EM HA
I	40 anos	Médio incompleto	Roncador/Feliz - RS	45mil m ²
J	53 anos	Médio incompleto	Roncador/Feliz - RS	1,7 hectares

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Como pode ser observado, as características dos respondentes variam, conforme abaixo:

- Idade: 33 a 57 anos, com uma média resultante em 43 anos;
- Formação acadêmica: Varia de médio incompleto, até superior completo, mas em sua maioria é “médio incompleto”
- 7 entre 10 dos respondentes, tem sua propriedade na localidade de Roncador/Feliz – RS;
- 9 entre os 10 respondentes possui uma propriedade que vai de 0,5ha até 2ha (em média) e somente 1 respondente possui propriedade de em torno 30ha.

Desta forma, conclui-se que a maioria das propriedades localizada na região em questão, é considerada pequena, pois não ultrapassa de 4ha (que é enquadramento conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra).

Diante disto, com a pergunta buscou-se entender com a pergunta abaixo, mais informações sobre o uso do recurso e quantas pessoas são beneficiadas com os mesmos, assim obteve-se os seguintes relatos conforme quadro 5:

Quadro 5 – Pergunta 2: Quantas pessoas vivem com os recursos advindos da agricultura? Estes recursos têm sido suficientes para manter as demandas?

Respondente A	2 pessoas – sim
Respondente B	Mais de 200 pessoas. Os recursos são diluídos com cuidado para as despesas;
Respondente C	Vivem 15 pessoas e os recursos são suficientes;
Respondente D	Duas; sim;
Respondente E	Somos três pessoas, sim é o suficiente;
Respondente F	2 pessoas – sim é o suficiente;
Respondente G	3 pessoas, e os recursos dão no limite;
Respondente H	5 pessoas, recursos não são suficientes, poderia ser mais;
Respondente I	6 pessoas e conseguimos nos manter com os recursos;
Respondente J	3 pessoas, recursos são suficientes, mas poderia ser mais.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Considerando as respostas, verificou-se que em média 8 das 10 das famílias respectivas dos respondentes, o número de pessoas que vivem dos recursos é em média de 3 a 4 pessoas, e somente 2 famílias dos respondentes possuem mais de 6 pessoas que utilizam dos recursos. Ainda, 9 entre os 10 respondentes, relatou que os recursos são suficientes para manter a família/despesas, porém que geralmente os mesmos são estritamente limitantes, declaram que poderiam ser mais.

Para entender mais sobre o nível de contentamento em trabalhar na agricultura e seguir com a propriedade, foi aplicada a questão abaixo, resultando nos seguintes relatos conforme quadro 6:

Quadro 6 – Pergunta 3: Qual seu nível de satisfação com sua atividade e qual o motivo que resulta sua resposta?

Respondente A	Satisfeito, apesar dos altos custos, a atividade gera resultado para quem tem interesse e investe em novos processos;
Respondente B	Nível é elevado;
Respondente C	Estamos muito satisfeitos porque gostamos muito do que trabalhamos;
Respondente D	Muita satisfação, por trabalhar com o que gosto e por ter liberdade;
Respondente E	Tenho certeza que trabalho com aquilo que gosto e me identifico, um dos motivos vem ainda da infância, onde pude acompanhar meus pais sempre na roça, e então pegar o gosto pela atividade. Outra satisfação é trabalhar a céu aberto, no sol, ar, ver tudo a sua volta, isso é muito gratificante. Me considero uma apaixonada pela atividade agrícola;
Respondente F	Bom, trabalhei praticamente minha vida toda com a agricultura, e por consequência disso se tenho algo hoje, foi devido a meu árduo trabalho rural. E graças a Deus satisfeita sim, mas claro, como qualquer trabalho, passamos por dificuldades e obstáculos;
Respondente G	O máximo porque é uma coisa que sempre gostei, do que faço e do trabalho;
Respondente H	O nível é elevado pois gosto muito do que eu faço, se tivesse que trocar a lavoura por uma firma não trocaria;
Respondente I	A satisfação é boa pois nosso resultado é ótimo, porém o que está muito alto é o custo do início a semente, adubo etc;
Respondente J	Tenho satisfação pois é algo que gostamos, mas somos pouco valorizados.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como pode-se observar no Quadro 6, todos os 9 respondentes relataram que estão satisfeitos com a realização das suas atividades assim, conseqüentemente possuem um nível elevado de contentamento, porém, no mínimo a metade dos respondentes relatou algo no sentido de “altos custos e baixa valorização”, concluindo-se assim, que existe um certo nível de “descontentamento” por alguns fatores em específicos.

Seguindo a entrevista, com a próxima pergunta (abaixo), verificou-se que na maioria das propriedades é a própria família (pais e filhos) que realizam as atividades laborais, onde as tarefas são realizadas por todos (excetuando alguns casos que um da família trabalha na produção e outro na venda, por exemplo).

Quadro 7 – Pergunta 4: Quem são as pessoas da família e o que elas fazem aqui ou fora da propriedade?

Respondente A	Eu e minha mãe, colheita e manejo;
Respondente B	Minha família (esposa, filha) e todos trabalham na propriedade. Ainda temos +9 contratos (parceria), 40 pessoas de matrícula com assinatura em cartório levados na administração no Ceasa/RS;
Respondente C	São os irmãos/pais e todos trabalham na propriedade na agricultura/fruticultura;
Respondente D	Ambos compartilham as atividades de produção, tratamento e colheita;
Respondente E	Somos eu e meu companheiro que trabalhamos, nós fazemos toda parte igualmente, desde o planejamento até a execução das tarefas diversas;
Respondente F	Toda família e todos se envolvem no hortifrúti;
Respondente G	Eu meu marido e meu filho, todo mundo trabalha na mesma coisa;
Respondente H	Eu, e 2 filhos trabalhamos na lavoura e o marido e outro filho na Ceasa (venda);
Respondente I	Somos 3, mais meus sogros e meu cunhado. Quem vende os produtos é meu cunhado e o restante trabalha na produção;
Respondente J	Somos eu, minha esposa e filha mais nova que trabalhamos na propriedade. A filha mais nova também estuda e ajuda no horário livre e a filha mais velha trabalha na cidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Dentro disto, ainda houve o Respondente B, que relatou que possuem em sua propriedade “+9 contratos (parceria), 40 pessoas de matrícula com assinatura em cartório levados na administração no Ceasa/RS”, ou seja, contratos por comodato/arrendamento, onde famílias terceiras utilizam suas terras para produção e desembolsam um valor previamente estipulado para fazer o uso conforme sua produção e necessidades.

Quadro 8 – Pergunta 5: Quais os motivos que trazem satisfação o que você realiza propriedade? E quais os que trazem insatisfação?

(Continua)

Respondente A	Satisfação: Gostar do que faz; Retorno financeiro. Insatisfação: Altos custos e alto risco devido as intempéries do clima, baixa valorização do produto;
Respondente B	Levar alimentos (frutas e verduras) pra mesa do consumidor;
Respondente C	Que traz satisfação é sermos dono do próprio negócio e insatisfação é o alto valor dos insumos;
Respondente D	Satisfação: trabalho ao ar livre, liberdade de horários e a importância da atividade. Insatisfação: trabalho contínuo, sem possibilidade de tirar muitos dias de férias;

(Conclusão)

Respondente E	Eu gosto de todas as etapas, desde a preparação do solo, plantio e colheita. Mas o grande prazer é colher os frutos;
Respondente F	Tão gratificante ver uma população em geral tendo o que por em suas mesas devido ao meu trabalho, de minha família, e de muitas outras famílias, o alimento de cada dia. Insatisfação é infelizmente pelo agricultor ser visto como pessoas ignorantes, sujas... não tem o respeito da sociedade;
Respondente G	Trabalhar em conjunto traz satisfação, e insatisfação é o investimento;
Respondente H	Satisfação é fazer o que gostamos e oferecer produtos que tenham diferencial e que as pessoas gostam e procuram. Insatisfação é o alto custo dos insumos;
Respondente I	Os motivos são vários que trazem satisfação, porém os trazem insatisfação são os impostos muito altos;
Respondente J	Satisfação é gostar do que eu gosto, e insatisfação é muito alto os preços dos insumos que utilizamos para manter e não conseguimos jogar o preço dos produtos lá em cima pois então não temos venda, então acaba sobrando pouco.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme o Quadro 8, pode-se notar que a maioria dos respondentes relatou que “gosta do que faz”, e em compensação, todos relataram que um dos pontos maiores causadores da insatisfação é:

- a) Alto custo dos insumos e impostos;
- b) Baixa valorização do produto;
- c) Alto investimento;
- d) Pouco respeito e valorização da sociedade.

Com isto, entende-se que os agricultores gostam muito do que fazem e sabem da sua importância, porém, consideram-se pouco valorizados, assim é de grande valia o incentivo e valorização das atividades, principalmente para futuras gerações (NASCIMENTO, J. S., BERNARDO, BEZERRA e BINOTTO, 2016).

Partindo disto e continuando a análise, pretendeu-se entender quais os relatos frente as dificuldades e facilidades no quesito “trabalhar em família/conjunto”, principalmente por ser um desafio conforme visto na fundamentação, e então, verificasse os relatos conforme Quadro 9:

Quadro 9 – Pergunta 6: Quais são as principais dificuldades e facilidades na família em trabalhar em conjunto, e como é esta relação?

(Continua)

Respondente A	Dificuldade de acordo na hora da decisão, e facilidade de flexibilidade de horários;
Respondente B	Dificuldade (clima). Facilidade (poder ter acesso a investimentos como pronaf, pronamp pelo sicredi);

(Conclusão)

Respondente C	Trabalhar em união facilita bastante, mas o que dificulta é nem todos colaborarem 100%;
Respondente D	Em geral, a relação é boa, todos desempenham suas funções com empenho para crescimento da empresa, sendo a única dificuldade a discordância em algumas decisões;
Respondente E	Acredito que como qualquer negócio em família, as vezes o desgaste pelas opiniões divergentes em determinados assuntos e etapas do trabalho, vejo como normal. E a facilidade é de estar perto, junto, por poder usar essa intimidade assim dizendo, para simplificar algumas questões;
Respondente F	Trabalhar com pessoas que você gosta e se dá bem é sempre bom né! Claro, como já comentei, sempre tem as discórdias presentes, como em qualquer profissão. E quando preciso, dá pra jogar a disponibilidade, ter com quem contar quando surgir um problema pessoal, etc.;
Respondente G	Não tem dificuldades e resolvemos as coisas em conversa em família;
Respondente H	Temos altos e baixos, horas boas e horas ruins, mas a gente trabalha o mais unido possível e cada um com sua função, e resolvemos os problemas juntos;
Respondente I	As dificuldades sempre existem mais se é preciso trabalhar em conjunto, todo mundo pega junto. A relação é boa e quando tem alguém doente cada um sabe como se virar, por exemplo;
Respondente J	Não temos muitas dificuldades pois tomamos as decisões, onde a minha palavra geralmente é a última.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Diante dos relatos, verifica-se que em praticamente todas respostas foi mencionado o fato de “divergência de opiniões”, que do ponto de vista da autora é algo completamente normal, principalmente considerando que é ainda mais desafiador por tratar-se de trabalho em família, conforme respondente F, “sempre tem as discórdias presentes, como em qualquer profissão”.

Em complemento à questão anterior, buscou-se entender maiores detalhes frente ao aspecto “tomada de decisão”, visando saber quem participa da mesma, e se existem conflitos. Desta forma, obtivemos os seguintes resultados, conforme quadro 10:

Quadro 10 – Pergunta 7: Como se dão as tomadas de decisão? Quem participa?

Existem conflitos?

(Continua)

Respondente A	Decisão minha. Somente eu, somente conflitos por ter ideias diferentes;
Respondente B	A Relação é muito relativa em saber, e como lidar com classe com terceiros (parcerias). Ainda na tomada de decisão eu decido o plantio de cada um e o que produzir. Sobre conflitos não possuímos, mas tem que ser muito craque e cabeça pra ter sucesso entre os mesmos;
Respondente C	Sempre existem conflitos pois cada um pensa de uma forma diferente;
Respondente D	As decisões são tomadas em conjunto, através da conversa. Às vezes existem conflitos, sim;
Respondente E	As decisões são tomadas juntos, entre mim e meu companheiro. Claro, as vezes um tem determinada opinião, gosta mais de determinada cultura. Mas não chega a ter conflito;

(Conclusão)

Respondente F	Todos os envolvidos participam e sim, tem discórdias;
Respondente G	Todos participam em conversa, e não existem conflitos;
Respondente H	Todos participam (exceto filho menor que tem 14 anos), e não existem conflitos, mas compartilhamos opiniões para chegar na melhor conclusão;
Respondente I	As decisões são tomadas em conjunto pai e filhos, e sempre existem conflitos;
Respondente J	Decisões tomamos em conjunto e não existem conflitos.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

- a) Respondente A: único respondente que relatou que tomava as decisões sozinho e ainda assim, possui divergência de ideias;
- b) Respondente B: toma as decisões em conjunto com seus “terceiros”, e relata que precisa ser “craque e cabeça pra ter sucesso entre os mesmos”, ou seja, os conflitos existem e precisam ser mediados conforme as ações;
- c) Respondente C: relatou que existem conflitos por consequência de opiniões e ideias diferentes;
- d) Respondente D: relatou que as decisões são tomadas em conjunto, e que as vezes existem conflitos;
- e) Respondente E: relatou que as decisões são tomadas em conjunto, divergem de opiniões, mas não chegam a ter conflitos;
- f) Respondente F: relatou que todos participam da tomada de decisões e que existem conflitos;
- g) Respondente G: relatou que todos participam da tomada de decisões e que não existem conflitos;
- h) Respondente H: relatou que todos participam da tomada de decisões, compartilham opiniões afim de chegar na melhor escolha e que existem conflitos;
- i) Respondente I: relatou que todos participam da tomada de decisões e que existem conflitos;
- j) Respondente J: relatou que todos participam da tomada de decisões e que não existem conflitos.

Diante dos resultados apresentados, pode-se analisar que em média 7 dos 10 entrevistados relatou a existência de conflitos e divergência de ideias, e assim, além destes fatores, Silva, Vanessa F., D. et al (2019), explica que:

Os conflitos intrafamiliares ocorrem quando há vários familiares que trabalham na empresa, situação na qual é necessário considerar que existem muitas diferenças entre esses indivíduos. Essas diferenças podem envolver características como idade, sexo, valores pessoais, temperamento e caráter e, ainda, fatores como conhecimentos, habilidades, criatividade, metas de vida ou capacidade de lidar com o estresse. Sendo assim, é preciso encontrar formas de viabilizar a convivência e a administração das relações afetivas e gerenciais entre familiares.

Quadro 11 – Pergunta 8: O que representa a sucessão para você?

Respondente A	Motivo do esforço pelo qual se investe na propriedade e na qualidade do produto, para haver continuação;
Respondente B	Sucessão representa o meu orgulho e ter apoio é fundamental;
Respondente C	Representa a realização pessoal;
Respondente D	Representa um processo muito importante para continuação da produção de alimentos e do setor agropecuário;
Respondente E	Bom, no nosso caso temos uma filha de 1 ano e cinco meses, ainda longe de acontecer uma sucessão. Mas eu vou sempre apoiar ela e tentar mostrar todo lado bonito que a agricultura tem. Meu desejo é que ela estude, claro, mas terá todo meu incentivo para ficar na propriedade;
Respondente F	Claro que representa algo muito importante, porque cada vez menos pessoas se interessam no trabalho rural, pela desvalorização, e alto custo pro plantio;
Respondente G	Representa dar continuidade no que meu pai começou;
Respondente H	Representa o fato de os filhos continuarem na propriedade, seguindo o investimento que estamos fazendo que é para eles, para que assumam no futuro. É o que esperamos, mas no futuro acaba sendo uma escolha deles;
Respondente I	E ter alguém capaz de conduzir o mesmo processo que o anterior deixou;
Respondente J	É continuar com o que construí.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A questão sobre “sucessão” e sua representatividade frente aos respondentes, destacou-se, pois, os respondentes B e C evidenciaram principalmente ser um processo que representa “orgulho” e “realização pessoal”, o que nos mostra que além da importância que os mesmos já relataram, também se sentem realizados profissionalmente.

Por consequência, todos os demais respondentes relataram que a “sucessão” está relacionada a “dar continuidade ao que os pais ou os mesmos, já construíram”. Sendo assim, entende-se que para todos a sucessão é importante e está diretamente relacionada ao trabalho do presente e visão do futuro.

Por consequência do entendimento sobre “sucessão”, buscou-se entender, se os proprietários possuem quem vá os suceder futuramente, visto que conforme Silva, Vanessa F., D. et al (2019), este assunto acaba sendo um dos maiores desafios entre as gerações, considerando que é “um passo muito difícil e, por vezes, doloroso e carregado de angústias e incertezas para aquele que é sucedido”.

Quadro 12 – Pergunta 9: Deseja que os filhos permaneçam na propriedade?
Por que?

Respondente A	Sim, manter o que foi iniciado valorizando todo o trabalho;
Respondente B	Sim, minha filha, mas é difícil por ser mulher;
Respondente C	Com toda certeza desejamos que os filhos permaneçam, pois já está tudo encaminhado, é só eles continuarem trabalhando e crescendo;
Respondente D	Sim, para dar continuidade ao investimento feito;
Respondente E	Sim. Devido a importância dessa atividade, e tenho certeza que com o passar dos anos será cada vez mais difícil a permanência das pessoas nessa atividade. A agricultura é necessária, é dela que vem nossa alimentação diária, e a comida no prato;
Respondente F	Sim, porque já terão tudo em mãos, só dar sequência;
Respondente G	Sim, para dar continuidade;
Respondente H	Sim, para seguir com o que estamos investindo;
Respondente I	Sim, pois tentamos deixar os valores que nós aprendemos de casa;
Respondente J	Sim, desejaria muito que elas ficassem, mas não tenho como interferir na decisão delas

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Considerando as respostas do quadro acima, e unindo com a pergunta do Quadro 13, verificamos que todos os respondentes desejam claramente que seus filhos permaneçam na propriedade, pois conforme Respondente C “já está tudo encaminhado, é só eles continuarem trabalhando e crescendo”, ou seja, desejam que seja dada continuidade ao que construíram e que já possuem.

Também, conforme respondente F, “com o passar dos anos será cada vez mais difícil a permanência das pessoas nessa atividade. A agricultura é necessária, é dela que vem nossa alimentação diária, e a comida no prato”, por isto, também percebe-se certa preocupação dos proprietários, mas ao mesmo tempo, conforme respondente J, “não tenho como interferir na decisão delas”, ou seja, a decisão acaba sendo dos próprios filhos (sucessores), mesmo que já tenham tudo “em mãos” para dar continuidade.

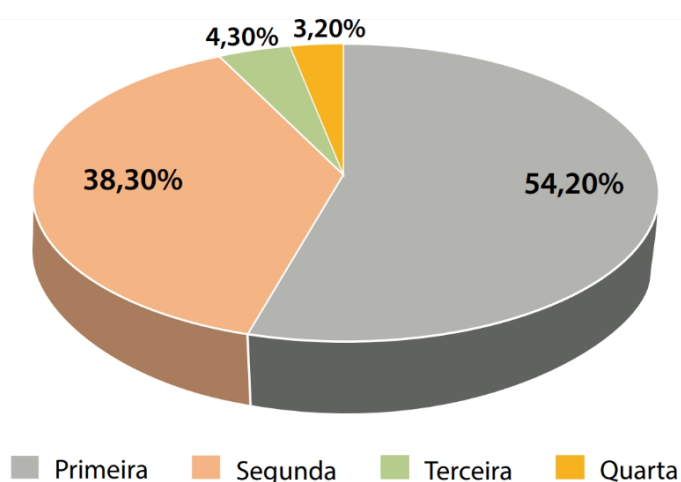
Quadro 13 – Pergunta 10: Existe perspectiva de um sucessor na propriedade? Se sim, quem? Se não, por que? Qual a dificuldade que ocorre neste processo?

Respondente A	Sim, sempre há quando se tem filhos, mas depende do interesse dos mesmos de querer e gostar do que se faz;
Respondente B	Existe perspectiva da minha filha;
Respondente C	Sim, existe a perspectiva dos dois filhos, porém ainda são muito pequenos;
Respondente D	Não, pois a única filha seguiu outra profissão;
Respondente E	Existe sim, mas claro, será algo a longo prazo. Então ainda não tenho dimensão de quais dificuldades teremos;
Respondente F	Sim, quem sabe futuros filhos, sobrinhos;
Respondente G	Sim, meu filho, conversamos, mas é por decisão própria;
Respondente H	Sim, os 3 filhos, pois já estão inseridos e trabalhando conosco. Há possibilidade de algum não querer, mas por enquanto estão indo pelo caminho da continuidade;
Respondente I	Sim, meu filho;
Respondente J	Hoje a filha mais nova ajuda um pouco, mas acredito que não tem perspectiva pois ela quer trabalhar fora (assim como a mais velha).

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Conforme respondente J, o desejo existe, porém, relata que a decisão deve ser tomada pelos filhos, não podendo ser interferida pela sua opinião. Mesmo assim, conforme explicito por uma pesquisa realizada nas empresas familiares brasileiras e Silva, Vanessa F., D. et al (2019), abaixo verificamos os percentuais de sucessão ao longo das gerações:

Figura 2 – Percentual de continuidade das empresas familiares brasileiras



Fonte: Silva, Vanessa F., D. et al (2019)

Levando em consideração os dados acima, mais que 50% das empresas leva a sucessão familiar, mas, é um fato interessante conforme pergunta 11, que buscou entender se o assunto é debatido conforme Quadro 14:

Quadro 14 – Pergunta 11: Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os integrantes?

Respondente A	Não, ainda são pequenos. Apenas conversas sobre o assunto;
Respondente B	Não é debatido pois cria rivalidade entre os mesmos;
Respondente C	Sim, debatemos, mas eles ainda são muito pequenos;
Respondente D	Não;
Respondente E	Ainda não;
Respondente F	Não;
Respondente G	Não realizamos;
Respondente H	Não realizamos nenhuma atividade, mas conversamos sobre;
Respondente I	Sim, conversamos sobre;
Respondente J	Não.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como pode-se verificar exceto respondentes C e J, todos os demais relatam que não realizam e nem debatem sobre o processo sucessório dentro da família, com isto, destaca-se que (como verificado anteriormente) consideram a sucessão algo muito importante, porém o assunto não é conversado.

Assim, em conjunto com os relatos abaixo do Quadro 15, pode-se observar que conforme todos respondentes, o momento ideal seria “A partir do momento que os proprietários não conseguem mais trabalhar na atividade”, ou seja, há uma certa resistência dos proprietários em deixar que seus sucessores tomem a frente da propriedade enquanto os mesmos possuem condições físicas e mentais para isto, consequentemente os filhos acabam tendo “pouca voz” frente as decisões, novas ideias, etc.

Quadro 15 - Pergunta 12: Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?

(Continua)

Respondente A	Acredito que quando a pessoa conseguir sozinha controlar e planejar o processo total e o sistema envolvido na produção, manejo e comercialização. Normalmente em uma idade de 25 a 30 anos, quando se ganha a vontade de defender algo com mais juízo e a decisão de o que se quer fazer na vida já está tomada;
Respondente B	É muito relativo, pois minha filha possui 23 anos e precisa de maturidade para poder ter o controle;

(Conclusão)

Respondente C	Consideramos que o momento é quando já estão muito bem preparados e cientes das responsabilidades que irão assumir;
Respondente D	Depois de aposentados;
Respondente E	O momento ideal não sei se existe, eu acredito que sempre terá mudanças, quando muda a sucessão. Então talvez no ponto de vista o ideal seja, no dia a dia, pra num dado momento acontecer naturalmente;
Respondente F	Por enquanto não pensamos sobre, até porque não temos filhos ainda;
Respondente G	Este momento não existe, na propriedade eles podem aprender comigo, mas enquanto eu tiver condições serei eu que vou comandar;
Respondente H	A partir do momento que os proprietários não conseguem mais trabalhar na atividade;
Respondente I	No meu caso seria quando eu não tiver mais condições de seguir com o negócio/produção;
Respondente J	Quando eu não tiver mais condições.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Seguindo o questionário, foi perguntado aos entrevistados sobre a mão de obra e pessoas que queiram trabalhar na atividade e em propriedades rurais, e então, buscou-se entender o que pode estar causando um possível “êxodo rural”, com isto, pode-se observar os seguintes relatos conforme Quadro 16:

Quadro 16 - Pergunta 13: Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?

Respondente A	Sim, muitas outras oportunidades de trabalho com menos risco e não tão pesados;
Respondente B	Sim;
Respondente C	Em partes sim, principalmente pelo pouco incentivo das governanças;
Respondente D	Sim, por falta de incentivo do poder público e falta de interesse no ramo;
Respondente E	Sim. A agricultura é uma atividade bastante trabalhosa, que exige um estado físico disposto, as vezes sob chuva, no frio, calor intenso. Muitas vezes sem carteira assinada, precisamos em época de colheita trabalhar aos finais de semana... Tudo isso interfere;
Respondente F	Acredito que cada vez menos pessoas queiram continuar o trabalho hortifrúti de seus pais, devido à desvalorização e alto custo dos investimentos;
Respondente G	Acredito que está difícil sim, mais pelo fato do grande investimento;
Respondente H	Sim dificuldades de ter gente para trabalhar na agricultura, pois é uma atividade que precisa trabalhar de segunda a segunda, jovens principalmente;
Respondente I	Está muito difícil os jovens de hoje continuar e também difícil as crianças ficarem com os pais em casa aprender valores de que no futuro não vão saber;
Respondente J	Sim, pois os mais jovens acham que a cidade vai trazer mais benefícios e acabam não se interessando em continuar na roça.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O respondente E, relata algo muito interessante que se relaciona principalmente ao esforço físico que o trabalho na agricultura requer, afirmando que “exige um estado físico disposto, as vezes sob chuva, no frio, calor intenso. Muitas

vezes sem carteira assinada, precisamos em época de colheita trabalhar aos finais de semana”.

Com isto, pode-se entender que o fato de ser um “trabalho contínuo”, acaba impactando negativamente em pouco repouso/folga, já em empresas (por exemplo), conforme [Consolidação das Leis do Trabalho](#) (CLT), na Seção II, artigos 58 a 65, “A duração normal do trabalho, para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 (oito) horas diárias, desde que não seja fixado expressamente outro limite”.

Diante disto, para a autora os relatos referentes ao esforço físico e também trabalho diário sem folgas/horários, pode ser algo que impacte fortemente nos jovens optarem ou não em trabalhar na agricultura, o que também foi relatado pelo Respondente J “mais jovens acham que a cidade vai trazer mais benefícios e acabam não se interessando em continuar na roça”.

Quadro 17 – Pergunta 14: Acredita que a cidade poderia lhe oferecer maiores benefícios?

Respondente A	Não, já fazem o suficiente. O resto nós mesmo precisamos fazer, quando se ganha muito não se dá valor;
Respondente B	Não pensamos em ir pra cidade;
Respondente C	Não, pois vivemos muito bem do que produzimos e estamos crescendo;
Respondente D	Para nós, não;
Respondente E	Para muitos preferem o emprego de segunda a sexta. Pra mim, a vida na agricultura é o que me alegra, é o que eu gosto;
Respondente F	Não, mas nós poderíamos ter auxílios maiores, mais frequentes, para construção de estufas, ajuda com terraplanagem, auxílio para manutenção de ruas para as lavouras...
Respondente G	Não;
Respondente H	Acredito que não, pois já trabalhei em cidade/firma, mas acredito que a lavoura ainda é o futuro, principalmente de jovens que talvez nem pensem nisso;
Respondente I	Acredito que não pois morar e trabalhar no interior eu acho melhor;
Respondente J	Não, pois é aqui que eu faço o que sei fazer e não tenho estudo para trabalhar fora.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com base nas respostas do Quadro 17, verificou-se que todos os respondentes sem exceções, acreditam que a cidade não lhes ofereceria maiores benefícios, e vale destacar algumas colocações conforme abaixo:

- a) Respondente H: acredita que a agricultura é um ramo potencial do futuro, no qual os jovens deveriam pensar;

b) Respondente J: mencionou que o que ele trabalha é o que ele sabe fazer e que não possui estudo para trabalhar na cidade, ou seja, não teria grandes oportunidades.

Partindo desta explanação, para a autora da pesquisa, de acordo com os relatos até o presente momento, verifica-se que os respondentes veem grande potencial na agricultura, e também se sentem muito pouco valorizados, sendo que acreditam que somente quem tem oportunidades na “cidade” seriam pessoas que possuem certo estudo.

Com isto e mediante todas explicações das perguntas, para concluir a pesquisa, buscou-se entender os pontos mais atrativos na propriedade e vida rural, assim, obteve-se os relatos conforme Quadro 18:

Quadro 18 - Pergunta 15: Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?

Respondente A	Horários de trabalho flexíveis, vida mais calma, menos estressante, retorno financeiro se levado de forma séria e correta;
Respondente B	Poder ter criatividade para produzir e concluir, com orgulho até a o do resultado final, com o apoio de instituição financeira que é nossa mão direita na hora das dificuldades;
Respondente C	Principalmente podermos usufruir de vários tipos de maquinários;
Respondente D	Liberdade de fazer os próprios horários, maior acesso a frutas e verduras, trabalho ao ar livre, trabalho em família, etc.;
Respondente E	A nossa propriedade e dividida entre estufas e plantio a campo aberto, nos dias de chuva trabalhos sob ambiente protegido, acredito ser uma vantagem boa, com as estufas conseguimos plantar fora de época, amenizando os efeitos do frio;
Respondente F	Ter o contato com a natureza tem seu valor, inclusive para a saúde mental;
Respondente G	Para mim é bom porque sou proprietária, mas pra quem é funcionário é diferente não se manda, e também porque eu gosto, assim o trabalho vira um <i>hobbie</i> e não um serviço;
Respondente H	Acredito que são vários pontos, como o fato de estar em casa, mais autonomia em horários, tomada de decisão, etc.;
Respondente I	O benefício é ter mais contato com a natureza e se sabendo trabalhar o resultado é ótimo e satisfatório;
Respondente J	Poder tomar as decisões, fazer meu horário, ficar em contato com a natureza, etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como pode ser observado, o respondente A, descreve vários benefícios que também estão mencionados nas respostas de outros respondentes, dentre eles temos “Horários de trabalho flexíveis, vida mais calma, menos estressante, retorno financeiro”, e também conforme respondente D, temos “Liberdade de fazer os próprios horários, maior acesso a frutas e verduras, trabalho ao ar livre, trabalho em família”.

Portanto, dando finalidade as respostas dos proprietários, verificou-se que os mesmos ressaltam vários benefícios relacionados principalmente a uma vida mais leve e tranquila, ligada a natureza e também a autonomia pois são donos do próprio negócio.

4.1.2 Pesquisa com sucessores

Já em relação aos Sucessores/Herdeiros, foram entrevistadas 12 pessoas, das quais possuem as seguintes características de perfil (explícitas na tabela 2), referentes à: idade, formação acadêmica e localidade, conforme Tabela 2:

Tabela 2 – Características dos respondentes – Sucessores/Herdeiros

RESPONDENTES	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	LOCALIDADE
K	25 anos	Superior completo	Roncador/Feliz - RS
L	22 anos	Médio incompleto	Roncador/Feliz - RS
M	20 anos	Superior incompleto	Roncador/Feliz - RS
N	23 anos	Superior completo	Vale do Lobo/Feliz - RS
O	31 anos	Superior completo	Roncador/Feliz - RS
P	30 anos	Superior completo	Escadinhas/Feliz - RS
Q	32 anos	Superior completo	Roncador/Feliz - RS
R	24 anos	Superior incompleto	Escadinhas/Feliz - RS
S	29 anos	Superior completo	Bela Vista/Feliz - RS
T	22 anos	Superior incompleto	Roncador/Feliz - RS
U	24 anos	Médio completo	São Roque/Feliz - RS
V	25 anos	Médio completo	Escadinhas/Feliz - RS

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

- a) Idade: 20 a 31 anos, com uma média resultante em 25,5 anos;
- b) Formação acadêmica: Varia de médio incompleto, até superior completo, mas em sua maioria é “Superior completo”;
- c) Em torno de 50% dos respondentes tem sua propriedade na localidade de Roncador/Feliz – RS, e os demais são de outras localidades próximas.

Dando sequencia a entrevista, buscou-se aprofundar mais sobre as realidades de trabalho dos mesmos, bem como suas respectivas áreas de atuação, como temos no Quadro 19:

Quadro 19 - Pergunta 1: Você trabalha na agricultura? Se sim, explique o porquê.
Caso contrário, você deseja sair? Em caso positivo, esclareça.

Respondente K	Sim, trabalho na agricultura. A vida no campo sempre me chamou muita atenção pelo fato de ver do criar ao produzir o alimento para aquilo que o povo mais necessita no dia a dia, isso é o combustível para estar e querer continuar na agricultura;
Respondente L	Atualmente não trabalho mais na agricultura, mas tenho contato ainda. Saí por motivos de capacitação em um ramo diferente, e como acho importante trabalhar e estudar na mesma área, troquei a agricultura para trabalhar em fábricas, principalmente de alimentos (pois gosto e me identifico e também consigo ter uma visão de como eu poderia modificar os alimentos e a produção deles). E também, vejo como um ponto ver como é o mundo do trabalho e suas oportunidades;
Respondente M	Sim, no momento estou ajudando meus pais dando continuidade, pois sem mim não conseguiriam, mas pretendo sair;
Respondente N	Não trabalho;
Respondente O	Sim trabalho. É meu meio de sustentação;
Respondente P	Sim, trabalho na agricultura, porém não em tempo integral;
Respondente Q	Sim. Nasci no interior e é isso que meus pais sempre trabalharam. Gosto muito por isso acabei ficando;
Respondente R	Sim, trabalho na agricultura e não pretendo sair da propriedade visto meu pai ter construído toda uma estrutura, então acabei ficando e trabalhando com ele;
Respondente S	Sim, trabalho na agricultura juntamente com meus pais. Sempre fui incentivada e aprendi a cultivar o amor pela terra. Compreendi que meu propósito de vida é contribuir com a produção de alimentos seguros e saudáveis para toda a população;
Respondente T	Sim. Minha família iniciou na agricultura a cerca de 30 anos atrás e continuam firmes e fortes nesse segmento;
Respondente U	Sim, pois é uma coisa que eu gosto de paixão e é um sonho de criança. Meus pais são do interior e desde pequeno gostei de trabalhar na lavoura. Trabalhei um período na cidade, mas não me acostumei. Assim, voltei pra propriedade, iniciei investimentos, meus pais me apoiaram muito. Tenho uma qualidade de vida diferente, vivendo o que eu gosto e fazendo o que eu gosto também;
Respondente V	Sim trabalho na agricultura e não pretendo parar. Pois é uma coisa que gosto de fazer, vou junto desde de pequeno é a profissão que me identifico.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Dentre os 12 respondentes, somente respondente L e N que não atuam atualmente na agricultura, e conforme respondente L, o mesmo saiu “por motivos de capacitação em um ramo diferente, e como acho importante trabalhar e estudar na mesma área, troquei a agricultura para trabalhar em fábricas, principalmente de alimentos”, desta forma, já pode-se verificar que mesmo tendo contato com a agricultura e vir de uma família que tem propriedade rural, o respondente optou por “ver como é o mundo do trabalho e suas oportunidades”.

Já todos demais respondentes, trabalham na agricultura e relatam que gostam do que fazem e que estão dando continuidade ao que os pais construíram/iniciaram, como relata respondente Q, que “Nasci no interior e é isso que meus pais sempre trabalharam. Gosto muito por isso acabei ficando”.

Ainda, o respondente M, relata que atualmente trabalha na agricultura, mas que pretende trabalhar em outros ramos, como mesmo respondeu “pretendo sair”. Por isso, com o Quadro 20 abaixo, buscou-se aprofundar o que os respondentes consideram importante para o gerenciamento da propriedade.

Quadro 20 - Pergunta 2: A capacitação é importante no gerenciamento da propriedade? Como poderia contribuir no dia a dia? Quais você considera importante?

Respondente K	Com certeza tem muita influência em ter a capacitação, tanto que, a agricultura hoje é considerada uma empresa e o agricultor não lida somente mais na terra, ele tem que ser de tudo um pouco, e tendo uma capacitação, facilita em ajudar em todas as áreas. Também é importante pelo fato de poder ampliar a produção, a produtividade, conquistando novos mercados e agregando valor ao produto;
Respondente L	Tudo o que se faz é importante ter uma capacitação. Nas propriedades rurais vejo muito que é pensado na tentativa e erro, sem muitos planejamentos, pois a maioria dos agricultores não tem uma formação básica. E seria um ponto essencial para o desenvolvimento das propriedades;
Respondente M	A capacitação ajuda um pouco, mas no ramo da agricultura não acho muito importante, o que vale mais é a experiência do dia a dia de cada safra. Mas em alguns aspectos ao combate dos fungos e etc., a capacitação ajuda, podendo prevenir e até combater;
Respondente N	Acredito que a constante capacitação é muito importante para manter-se atualizado, contribuindo na melhora da qualidade dos produtos e na simplificação do serviço; Capacitações acerca do preparo do solo, manejo de defensivos e fertilizantes, etc.
Respondente O	A capacitação é sistêmica, indispensável nos tempos atuais. Vai desde a gestão de manejo, colheita, pós colheita, até a gestão de finanças e investimentos;
Respondente P	Sim, a capacitação é um ponto muito importante em qualquer tipo de negócio. Na agricultura acredito que a contabilidade, e a parte administrativa sejam os pontos mais importantes;
Respondente Q	A capacitação é muito importante e ainda é subestimada. Pode contribuir desde plantar no tempo certo com as condições adequadas, a gerenciar o financeiro da produção. Todo o conhecimento é importante, mas o principal é saber plantar e gerenciar, porque as dificuldades que existem em colher um bom produto são grandes e sem uma boa gestão é fácil se enganar e ter resultados não satisfatórios;
Respondente R	A capacitação numa propriedade é de extrema importância, pois se acaba adquirindo muito conhecimento na área e acaba reduzindo custos que teriam que ser contratadas outras pessoas, e com isso, consegue se resolver maiores problemas;
Respondente S	Sim, é muito importante pois temos que inserir ferramentas que tragam facilidade no dia a dia, e que contribuam para mensurar os resultados. Conseguir visualizar esta os déficits e os ganhos, para assim, melhorar o sistema;
Respondente T	Sim. A capacitação é uma prática necessária para que uma lavoura possa alcançar melhores resultados. Proteções de nascentes e solos;
Respondente U	A capacitação é importante sim pois o manejo do jeito “antigo” não tem mais tanta efetividade quanto hoje em dia. Com isso, a capacitação auxilia principalmente no manejo da terra, insumos inovadores, e envolve toda parte técnica da agronomia, parte pessoal (família) e a sucessão do gerenciamento junto com os pais/filhos;
Respondente V	A capacitação seria muito importante para ter a tomada de decisão mais rápida e não precisaria de terceiros para te auxiliar.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Seguindo a análise das respostas, é de grande valia os relatos pois 11 de 12 respondentes consideram importante a capacitação para o gerenciamento da propriedade, e isto vai além da parte de administração, mas também da parte do cultivo/manejo da produção, conforme relato do respondente Q:

“A capacitação é muito importante e ainda é subestimada. Pode contribuir desde plantar no tempo certo com as condições adequadas, a gerenciar o financeiro da produção. Todo o conhecimento é importante, mas o principal é saber plantar e gerenciar, porque as dificuldades que existem em colher um bom produto são grandes e sem uma boa gestão é fácil se enganar e ter resultados não satisfatórios”

Seguindo nas respostas, pode-se perceber que a capacitação considerada dos respondentes está relacionada com “gestão de manejo, colheita, pós colheita, até a gestão de finanças e investimentos” (respondente O), o que nos mostra que aparentemente devido serem uma “nova geração”, onde a maioria possui mais estudo e um olhar mais amplo, já consideram vários outros pontos importantes neste âmbito.

Um dos pontos que pode-se destacar, é o relato do respondente M (que deseja sair da propriedade”, onde o mesmo relata que “A capacitação ajuda um pouco, mas no ramo da agricultura não acho muito importante, o que vale mais é a experiência do dia a dia de cada safra”, o que nos faz poder ter uma relação entre uma possível insatisfação e desejo de sair da propriedade e o que considera importante no gerenciamento da propriedade. Assim, conclui-se que o mesmo está cursando ensino superior, e não considera seu conhecimento adquirido, na administração da propriedade.

Quadro 21 - Pergunta 3: Você participa da tomada de decisão e ideias da propriedade da sua família? Se sim, como isto ocorre?

(Continua)

Respondente K	Sim, a tomada de decisão é em conjunto, em família, e tudo ocorre conforme a necessidade, a demanda. Como por exemplo, na escolha de sementes, é considerada a colheita passada e em base nesses dados é tomada a decisão de repetir ou não a escolha de determinada semente e essa decisão é tomada em conjunto, em conversas rápidas;
Respondente L	Não participo das tomadas de decisão, geralmente não perguntam para os mais novos. Não querem, pelo que eu percebo ideias diferentes;
Respondente M	Sim participo, entramos em um consenso do que seria melhor para aquele momento;
Respondente N	Não;

(Conclusão)

Respondente O	Quase todos os pontos chave passam pelo meu conhecimento, para avaliar a real necessidade, ou como podemos contornar a situação;
Respondente P	Sim, as decisões são tomadas em conjunto, através de conversas;
Respondente Q	Na verdade, eu e meu marido assumimos uma área da produção da família e expandimos. Então, sim, todas as decisões passam por mim;
Respondente R	Sim, eu e meu pai que gerenciamos a propriedade, tomamos as decisões em conjunto, havendo uma visão maior para mim que tomo maiores iniciativas;
Respondente S	Sim, através do diálogo. Tenho muito respeito pelos meus pais que construíram e conquistaram através de muito trabalho o que temos hoje. Respeito toda a bagagem de experiência que eles têm. E através do diálogo exponho a minha opinião, novas ideias, para inserir novas tecnologias que contribuíam para a produtividade, sustentabilidade e rentabilidade;
Respondente T	Sim, conforme vemos alguma dificuldade que não pode ser resolvida sozinha, ou até mesmo no gerenciamento das atividades a serem realizadas diariamente;
Respondente U	A tomada de decisão eu participo sim e tomo as principais decisões, mas sempre trocamos ideias sobre em conjunto, nenhuma é sozinha. Eu tenho a parte técnica, a minha irmã do financeiro e os pais do conhecimento em si, tendo um equilíbrio;
Respondente V	Sim, fazemos isso em conjunto cada um com a sua ideia.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação ao Quadro 21 acima, podemos destacar relatos diferentes sobre o quesito “tomada de decisão” nas famílias dos respondentes. Dentre eles, temos 10 respondentes que relataram que participam, e 2 que não participam.

Pode-se também identificar alguns destaques como o relato do respondente K, no qual descreve que “a tomada de decisão é em conjunto, em família, e tudo ocorre conforme a necessidade, a demanda”, assim, tendo semelhança com os demais respondentes que o principal relato é relacionado a “diálogo” e tomada de decisão baseada na “necessidade”.

Dentre todas respostas, verifica-se conforme respondente L, o ponto de vista que “geralmente não perguntam para os mais novos. Não querem, pelo que eu percebo ideias diferentes”, que podemos relacionar a uma certa “resistência” dos mais antigos, em aceitar novas opiniões e até tecnologias, por exemplo.

Por sequência, entrou-se no assunto de “satisfação e insatisfação”, que tais respondentes relatam ter sobre suas atividades, que estão relatadas conforme Quadro 22, abaixo:

Quadro 22 - Pergunta 4: Cite alguns motivos de satisfação e insatisfação com a agricultura.

(Continua)

Respondente K	A melhor delas na minha visão é a qualidade de vida. Em seguida, considero, hoje, a valorização do trabalho. E o avanço da tecnologia na agricultura. A parte não muito boa é o clima ser basicamente responsável pela produção;
---------------	--

(Conclusão)

Respondente L	Satisfação: Ambiente de trabalho mais calmo, sem muitos ruídos; iniciativas de crédito. Insatisfação: o jeito que agricultura não respeita as leis (trabalhistas, fiscais, ambientais). E como os proprietários não dão valor para as mulheres;
Respondente M	Motivo de satisfação: saber que seu alimento é importante para o povo. Insatisfação: ter que trabalhar na chuva, calor e frio, condições pesadas;
Respondente N	- Satisfação: a importância do setor; Insatisfação: falta de incentivo e de reconhecimento do agricultor;
Respondente O	O que mais satisfaz o agricultor de modo geral é ter lavoura em dia, vendas boas e clima favorável. Na verdade, uma coisa puxa a outra. O que mais gera indignação é a falta de empatia de algumas pessoas e instituições pela nossa profissão. Não é mais importante que as outras, mas merece ser respeitado;
Respondente P	Flexibilidade de horários, renda, novas tecnologias, incertezas de mercado;
Respondente Q	Como eu disse, eu nasci na lavoura e nem me imagino trabalhando com outra coisa. Focamos mais na produção de frangos de corte, mas temos lavouras também. Eu me satisfaço vendo o bom desempenho dos frangos e das plantas. Sobre insatisfação, talvez seja o esforço físico exagerado que o trabalho, às vezes, exige;
Respondente R	Satisfação enorme poder trabalhar na agricultura, plantar e produzir alimento é o que nos motiva, e insatisfação é o alto custo dos insumos e não somos remunerados conforme deveríamos, que tem altos e baixos;
Respondente S	Tenho orgulho em exercer essa profissão que produz e alimenta toda nação. Minha insatisfação é por muitas vezes, pela falta de valorização por aqueles que estão sol a sol, driblando adversidades, para produzir os alimentos. Muitos ainda enxergam aqueles que decidem permanecer no campo, como pessoas que não tiveram oportunidade ou estudo, mas a realidade atualmente é outra, muitos dos jovens que estão no campo, estão se capacitando e buscando tecnologias e melhorando cada vez mais o sistema produtivo e a gestão da propriedade;
Respondente T	A satisfação de trabalhar com a agricultura é de trabalhar com algo saudável para o povo. A insatisfação é ver pessoas saindo e desistindo da agricultura para ir trabalhar na cidade, deixando muitos produtores com falta de mão de obra;
Respondente U	Satisfação principalmente é a qualidade de vida, de produzir alimentos para o próximo, fazer alimentos que vai pra cidade que tenham qualidade. Insatisfação é relacionada ao pouco reconhecimento que o agricultor familiar tem perante ao nosso país, em que a governança pouco olha para os agricultores, não tem parceria, não recebemos incentivos, temos que trabalhar “por si”;
Respondente V	Isso é meio complicado pois depende do ponto de vista, mas a motivação é de produzir alimentos que podem chegar em qualquer lugar do RS ou até fora do estado, e insatisfação é a pouca valorização do produtor rural.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O principal termo destacado e relatado entre os respondentes K e U gira em torno da “qualidade de vida”, onde podemos relacionar com o relato do respondente P, que mencionou “flexibilidade de horários, renda, novas tecnologias” e “ambiente de trabalho mais calmo”. Assim, percebe-se que para os mesmos ter mais autonomia para realizar suas atividades com o uso de tecnologias (por exemplo), podem estar relacionados a qualidade no que realizam e conseqüentemente nas suas vidas.

Para os demais respondentes podemos destacar uma grande satisfação para os mesmos que é “saber que seu alimento é importante para o povo” conforme relata

respondente M, e que pode também ser visto nas respostas dos respondentes N, R, S, T, U e V.

Já relacionado diretamente a insatisfação, podemos ver vários diferentes relatos conforme abaixo:

- a) Respondente K: clima ser responsável pela produção;
- b) Respondente L: não respeitar as leis (trabalhistas, fiscais, ambientais) e proprietários não dar valor para as mulheres;
- c) Respondente M: trabalhar na chuva, calor e frio, condições pesadas;
- d) Respondente N: falta de incentivo e de reconhecimento do agricultor;
- e) Respondente O: falta de empatia de algumas pessoas e instituições;
- f) Respondente P: incertezas de mercado;
- g) Respondente Q: esforço físico exagerado que o trabalho exige;
- h) Respondente R: alto custo dos insumos e remuneração indevida;
- i) Respondente S: falta de valorização;
- j) Respondente T: falta de mão de obra;
- k) Respondente U: pouco reconhecimento;
- l) Respondente V: pouca valorização.

Com estes relatos, podemos destacar principalmente a “baixa valorização” destacada na maioria das respostas, mas também questões que vão de climáticas, mercado financeiro e altos custos dos insumos, por exemplo, ou seja, opiniões bem diferentes mas que tratam de pontos que impactam diretamente no dia a dia das propriedades e bem estar de quem está atuando na atividade.

Quadro 23 - Pergunta 5: Quais fatores influenciam positivamente ou negativamente quando pensa em permanecer na propriedade?

(Continua)

Respondente K	Estar continuando a produzir alimentos e estar gerenciando o negócio próprio;
Respondente L	Positivas: “ser o próprio dono”, ter flexibilidade de horários, conseguir executar ideias próprias. Negativas: insegurança de renda (motivos sazonais) e não trabalhar com pessoas diferentes (sempre com a família);
Respondente M	Positivamente é algo que eu sempre fiz, desde criança, estando com a família, sempre nos ajudando uns aos outros;
Respondente N	Não cheguei a cogitar a permanência na propriedade, visto que escolhi seguir para outra área de trabalho;

(Conclusão)

Respondente O	Eu diria que é um conjunto de motivos, desde a sucessão na propriedade, até o retorno financeiro que a propriedade gera;
Respondente P	Incerteza de mercados futuros, aumento dos custos de produção, instabilidade política;
Respondente Q	Positivamente, é que como nasci aqui e gosto do que faço eu nem penso em sair. Negativamente talvez seja o comprometimento contínuo exigido;
Respondente R	Grande influência tem a história do meu pai e a estrutura que ele construiu, e se fosse um trabalho mais difícil eu procuraria outras alternativas;
Respondente S	O incentivo, a oportunidade de poder opinar e tomar decisões, a liberdade de trabalhar ao ar livre, exercendo diversas funções, a satisfação de acompanhar o processo de crescimento e desenvolvimento das plantas e geração dos seus frutos, através de um trabalho de muita dedicação e empenho;
Respondente T	O ponto positivo é poder dar sucessão ao progresso e trabalho que minha família teve para chegar aonde estamos hoje. O fator negativo é ver que tem pessoas que influenciam a saírem da lavoura para trabalhar na cidade;
Respondente U	Fatores que influenciam é viver com qualidade e querer que minha futura família continue vivendo disso e usufruindo de coisas que não teriam trabalhando na cidade. Já os pontos negativos são trabalhar de segunda a segunda, não ter férias, etc;
Respondente V	Positivamente pensamos que pode melhorar cada vez mais pois está cada vez mais escasso a mão de obra.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação a permanência ou não na propriedade, conforme Quadro 23 acima, podemos destacar o relato do respondente L, o qual aborda como positivo “ser o próprio dono, ter flexibilidade de horários, conseguir executar ideias próprias” e como negativo “insegurança de renda (motivos sazonais) e não trabalhar com pessoas diferentes (sempre com a família)”.

Já para os respondentes M, O, Q, R e T, relatam um ponto positivo o de “dar andamento/suceder ao que a família iniciou”, ou seja, a sucessão rural que é o ponto chave estudado, porém, alguns relatos negativos são em relação ao fato de ser um trabalho contínuo, sem férias, altos custos de produção e baixa mão de obra.

Como já foram relatados por alguns respondentes itens relacionados a sucessão, no Quadro 24, verificamos a representatividade do assunto.

Quadro 24 - Pergunta 6: O que representa a sucessão para você? Saberria como fazer este processo hoje? Precisaria de ajuda, e se tivesse algum programa de sucessão você participaria?

(Continua)

Respondente K	Pouco conhecimento no assunto ainda, porém, considero a continuação do trabalho dos meus pais, agregando cada vez mais conhecimento, através de programas;
---------------	--

(Conclusão)

Respondente L	Sucessão para mim, parece que alguém da família morre e eu irei tomar conta do que a pessoa deixar. Mas acho que estou errada, e não sei do que se trata. Não saberia fazer esse processo. Participaria de cursos, pois conhecimento nunca é demais;
Respondente M	Acho muito válido, pois é um aprendizado a mais em nossas vidas, podendo gerir de forma melhor a propriedade, dando continuidade aos serviços. Com certeza participaria;
Respondente N	Dar seguimento no trabalho de outra pessoa; acredito que um programa de sucessão seria de grande valia para facilitar o processo;
Respondente O	Significa seguir com o que venho trabalhando, desde o que foi iniciado pela minha família, mas também com a evolução junto dos conhecimentos e tecnologias;
Respondente P	A sucessão é um diálogo contínuo, onde ambas as partes envolvidas precisam ceder em algum momento, para chegar a um consenso. Hoje temos total sucesso neste processo dentro de nossa propriedade;
Respondente Q	A sucessão para mim, dos meus pais foi meio que automático, mas não menos difícil. Não é fácil assumir um compromisso pra si, que sempre era de todos. Talvez se tivéssemos tido a oportunidade de participar de um programa de sucessão teria sido mais fácil;
Respondente R	A sucessão seria todo gerenciamento que a família e meu pai faz, e ele conseguir passar isso pra mim (filho), e na posição que me vejo já me vejo bem adiantado, não precisaria de curso, mas vejo que tenho muito a aprender com meu pai pra conseguir gerenciar;
Respondente S	Já estamos fazendo o processo de sucessão familiar na propriedade. Participamos de capacitações do Sebrae, palestras, e atualmente estamos participando da capacitação de sucessão familiar do Sicredi;
Respondente T	Sucessão representa continuar a caminhada de alguém que não pode mais exercer tal função, seja por problemas de saúde ou até mesmo idade avançada. Atualmente não saberia realizar esse processo sozinho, pois acredito que ainda tenho muito o que aprender antes de dar continuidade sozinho. Sim;
Respondente U	Representa uma continuidade de um plano de vida, onde os pais planejam e criam um “negócio” para que os filhos prossigam com o que eles fizeram a vida inteira. Não é um processo fácil, pois os pais têm certa dificuldade em aceitar a forma dos filhos de querer “fazer diferente” e os filhos também aceitar tudo que os pais propõem. Sim, com certeza participaria de um programa, pois acho que se tem muito a agregar em conhecimento;
Respondente V	Acho que não precisaria de ajuda pois lido com diferentes ocasiões no dia a dia.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Dentre os relatos, podemos destacar o Respondente U, o qual relatou que a sucessão rural é “continuidade de um plano de vida, onde os pais planejam e criam um “negócio” para que os filhos prossigam com o que eles fizeram a vida inteira”, e ainda, o mesmo trouxe que “Não é um processo fácil, pois os pais têm certa dificuldade em aceitar a forma dos filhos de querer “fazer diferente” e os filhos também aceitar tudo que os pais propõem”.

Já sobre a participação em um “programa de sucessão”, verificou-se que respondentes L, M, N, Q, S, T e U, relatam que estariam dispostos a participar, e acreditam que sempre se pode agregar conhecimento. Em contrapartida, destaca-se que respondentes R e V relatam não necessitar de tal conhecimento, visto acreditam

vivenciar no dia a dia e também que o conhecimento deve ser adquirido com os proprietários/pais que já possuem certa experiência.

Seguindo o questionário, no Quadro 25, obtivemos relatos sobre como ocorre a tomada de decisão e se existe certa “resistência” dos proprietários neste quesito.

Quadro 25 - Pergunta 7: Você identifica alguma resistência dos proprietários em passar o comando da propriedade ou abrir a tomada de decisão? Exemplifique.

Respondente K	Sim, vejo que para eles é uma parte bem difícil de lidar, principalmente para meu pai porque desde novo assumiu a propriedade e teme não conseguir mais acompanhar todas as partes da agricultura, por exemplo na produção, ele acredita que sempre precisa estar presente, desde o plantio a colheita, o que vem se tornando inviável, pela dimensão da produção e pelas tecnologias hoje oferecidas;
Respondente L	Sim, pelo motivo de não querer perguntar opiniões e não querer ensinar o que eles já sabem, pois é o serviço somente deles.
Respondente M	Sim há uma pequena resistência, mas acho normal pois as vezes a experiência é mais válida do que o ensinamento. E como os mais velhos tem mais experiência, eles passam a querer controlar mais as coisas;
Respondente N	Acredito que exista sim uma resistência em passar o comando e compartilhar a tomada de decisão, principalmente quando o proprietário ainda não pensa em se afastar do trabalho e enquanto ainda se sinta apto em tomar as decisões sozinho;
Respondente O	Quando os dois estão na mesma sintonia acho que tudo flui bem. Até os mais antigos estão vendo na prática que as tecnologias vieram para ficar, e entendem sua constante evolução. Existe sim uma resistência, de pessoas com pensamentos mais conservadores, (foi feito sempre assim, e vai continuar sendo feito assim);
Respondente P	Sim, existe em qualquer esfera, e é algo cultural, é preciso entender o quanto os atuais proprietários trabalharam para construir o que hoje existe, e mostrar através de resultados positivos, que a mudança não irá atrapalhar o desempenho do negócio. Números claros são uma boa forma de realizar esse processo;
Respondente Q	Sim. Houve resistência e ainda me sinto na obrigação de compartilhar e pedir opinião dos meus pais na tomada de decisão;
Respondente R	Sim, que tem pais que são bem complicados pois construíram tudo a vida inteira e precisam ter certa confiança pra largar na mão dos filhos, e principalmente os filhos estarem empenhados e terem um norte pra continuar crescendo e fazendo o mesmo que os pais;
Respondente S	É necessário ter diálogo e paciência. O respeito pela experiência dos pais e abertura para expor novas ideias. Nem tudo são flores, ainda mãos trabalhar em família, onde envolve o relacionamento pessoal e a convivência diária, mas temos que saber driblar essas situações;
Respondente T	Sim. Com o avanço da tecnologia, técnicas de combate à pragas e doenças mais recentes e métodos de cultivos melhorados é difícil convencer a minha família a fazer algo por conta do medo do resultado não sair como o planejado e não dar certo;
Respondente U	Sim, tem uma resistência por medo e “teimosia” em não querer deixar os filhos seguirem com suas ideias e tomar suas próprias decisões, etc;
Respondente V	Em alguns casos existe o medo de passar para os jovens pois com tantos anos nesse ramo acham que de alguma forma não terem a capacidade de gerenciar a propriedade.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como pode ser observado e apontado, todos os 12 respondentes relataram uma certa “resistência” em seus pais (família) passarem o comando da propriedade aos seus filhos/sucedores, e também a aceitarem dos mesmos novas ideias, opiniões e novas formas de fazer diferente o que já vem fazendo há anos.

O relato do respondente K nos mostra muita clareza neste sentido, pois o mesmo descreve que a propriedade vem crescendo, fazendo o uso de novas tecnologias e ainda assim seu pai deseja estar presente na produção desde o início ao final da colheita, o que acaba sendo inviável, conforme relatou abaixo:

“Sim, vejo que para eles é uma parte bem difícil de lidar, principalmente para meu pai porque desde novo assumiu a propriedade e teme não conseguir mais acompanhar todas as partes da agricultura, por exemplo na produção, ele acredita que sempre precisa estar presente, desde o plantio a colheita, o que vem se tornando inviável, pela dimensão da produção e pelas tecnologias hoje oferecidas”

Outros termos utilizados por alguns respondentes também chamam a atenção como: pensamentos mais conservadores; respeito pela experiência; medo do resultado. Ainda, além disto, verificamos o relato interessante do respondente P:

“é algo cultural, é preciso entender o quanto os atuais proprietários trabalharam para construir o que hoje existe, e mostrar através de resultados positivos, que a mudança não irá atrapalhar o desempenho do negócio. Números claros são uma boa forma de realizar esse processo” (Respondente K)

Assim, pode-se entender que os possíveis sucessores que atuam na propriedade, já possuem uma visão de que isto vem desde antigamente, e também já estão dispostos a mostrar novas formas de pensar incluindo a apresentação de resultados positivos, o que faz com que seus pais tenham mais confiança no seu trabalho e conseqüentemente se “abram” para ir passando aos poucos a administração e tomada de decisão da propriedade.

Quadro 26 - Pergunta 8: Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os sucessores?

(Continua)

Respondente K	Até o momento não realizamos nenhum processo. Debatido as vezes é, mas não com muita abrangência;
Respondente L	Não;

(Conclusão)

Respondente M	Nunca comentamos a respeito;
Respondente N	Não;
Respondente O	Atividade específica não, mas sim ser levado em conta a opinião na tomada de decisão;
Respondente P	Não, acreditamos ser algo contínuo, que não é realizado do dia pra noite, e sim uma soma de fatores;
Respondente Q	Não. Não foi muito debatido;
Respondente R	A gente não discute sobre sucessão, mas o dia a dia vai nos ensinando e colocando no caminho;
Respondente S	Sim;
Respondente T	Sim;
Respondente U	Sim, conversa diária e aos poucos os pais estão abrindo mão e passando o conhecimento, etc;
Respondente V	Isso já conversamos e deixamos planejado.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Em relação diretamente ao processo sucessório, verificou-se conforme relatos do Quadro 26 acima, que os respondentes K, O, S, T, U e V demonstram que o assunto é debatido entre suas famílias, mas verificou-se que não realizam nenhum “processo em específico” neste quesito, somente adquirem conhecimentos, opiniões e etc.

Por consequência, os demais respondentes L, M, N, P, Q e R relataram que não debatem sobre o assunto e não possuem nada relacionado ao processo sucessório, o que nos mostra que dentre os respondentes, temos exatamente a metade que pelo menos já conversou sobre o assunto e a outra metade que nunca se posicionou sobre o mesmo.

Seguindo a pergunta acima analisada, o Quadro 27, relata sobre qual seria o momento “ideal” para passar a posse da propriedade aos possíveis sucessores, então obtivemos:

Quadro 27 - Pergunta 9: Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?

(Continua)

Respondente K	Acredito que cada produtor, família, comece a reconhecer o momento de passar o gerenciamento da propriedade para outra pessoa;
Respondente L	Não sei, mas espero quando o proprietário ensinar tudo que sabe;
Respondente M	Quando tiver maturidade, conhecimento e experiência suficiente para comandar a propriedade;
Respondente N	Quando o sucessor estiver pronto e se sentir seguro em dar seguimento ao trabalho;

(Conclusão)

Respondente O	Sendo tudo em família não vejo como uma data específica, mas sim numa transição orgânica. Na verdade, deveriam existir mecanismos (projetos de lei que facilitam o trâmite) nas esferas legais para que esse processo seja mais fácil;
Respondente P	Acredito que possa ser feito de forma parcial, passando aos poucos as atividades, e quando existir uma boa bagagem do novo proprietário, aí sim se passa de forma definitiva;
Respondente Q	Como eu sou sucessora, e tenho dois irmãos, eu achei pertinente assumir parte da produção no momento em que casei e fui morar na minha casa;
Respondente R	Acredito que não teria momento ideal, pois tu trabalhando junto da família e aos poucos tomando decisões, se acaba aprendendo e tomando o comando, então tem vezes que acontece antes ou demora mais, por resistência dos pais por acreditarem que não estão prontos, mas depois acaba acontecendo;
Respondente S	O processo acontece aos poucos, quando os sucessores vão atribuindo mais responsabilidades;
Respondente T	No momento em que o sucessor estiver apto a dar continuidade sozinho, tomando as decisões da propriedade sozinho e com responsabilidade;
Respondente U	Acredito que o momento que o sucessor se interessa em continuar o “negócio” ele já precisa participar da tomada de decisão para então já ir se preparando, aos poucos e quando menos se espera o filho já está trabalhando e tocando o negócio sozinho;
Respondente V	Na minha opinião esse processo precisa de tempo, com o tempo isso vai acontecer naturalmente até ver se tem a capacidade ideal.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Podemos observar que na maioria dos relatos temos opiniões relacionadas mais diretamente a uma transição orgânica, conforme a necessidade da família, onde os mesmos vão assegurando responsabilidades e conseqüentemente este processo vai acontecendo aos poucos, naturalmente.

Já o respondente Q, menciona que o momento que considera o ideal seria “que casei e fui morar na minha casa”, desta forma, atribui-se a responsabilidade em também não estar mais “morando com os pais”, e conseqüentemente tendo mais responsabilidades a serem assumidas, juntamente com a produção da propriedade.

Quadro 28 - Pergunta 10: Acredita que a cidade possa lhe oferecer maiores benefícios? Quais são os principais aspectos negativos e positivos que você vê nesta mudança?

(Continua)

Respondente K	Acredito que não. Os costumes, a qualidade de vida, considero muito melhores em volta ao campo;
Respondente L	Sim. Positivamente: salário fixo e seus benefícios trabalhistas, oportunidade de crescimento. Negativos: não há flexibilidade de horários, mais impostos para pagar;
Respondente M	No momento acho que não me traria benefícios melhores. Na cidade seria um pouco mais fácil de trabalhar dependendo do serviço, mas acredito que trabalhando no interior tenho mais chances de ir bem;
Respondente N	Acredito que sim e que seja importante a cidade fornecer benefícios e incentivar a permanência dos jovens na agricultura;

(Conclusão)

Respondente O	Tanto a sociedade como o governo num todo, leis e processos;
Respondente P	Não, acredito que não seja papel da cidade, ela deve fazer as questões básicas, que cabe a municipalidade, mas não são os benefícios que a cidade proporciona que irão fazer a diferença;
Respondente Q	Os municípios deveriam dar mais incentivos e estímulos para manter os jovens na agricultura. Deveriam ter mais orientações sobre que lugar que o agricultor ocupa na sociedade. Por exemplo, sou pequeno, médio ou grande produtor e o que isso muda em relação a benefícios do INSS;
Respondente R	Não acredito que a cidade traga mais benefícios, mas acredito que cada um deve estar aonde gosta;
Respondente S	A questão trabalhista como carteira assinada, décimo terceiros e férias são benefícios muitos atraentes. Por isso se deve ter muito amor pelo trabalho no campo, pois a rotina e o trabalho são mais intensos. Por isso se é importante criar políticas públicas que trazem benefícios e incentivos para aqueles que permanecem no campo, pois cada vez menos temos mão de obra disponível para exercer essas atividades;
Respondente T	Sim. A cidade poderia incentivar mais os produtores, trazendo inovações para as lavouras e cultivos;
Respondente U	Acredito que a cidade oferece sim vários benefícios e oportunidades, mas ambas atividades podem oferecer coisas positivas e negativas;
Respondente V	Não sei se pode trazer mais benefícios do que o meio rural, pois se está acostumado com um ambiente é difícil você se acostumar com algo diferente.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Já em relação ao meio urbano, o Quadro 28 demonstra os pontos de vista dos respondentes em viés positivo e negativo sobre uma possível mudança e/ou benefícios que o mesmo poderia oferecer, desta forma, alguns relatos mais considerativos:

- a) Respondente L: Positivamente: salário fixo e seus benefícios trabalhistas, oportunidade de crescimento. Negativos: não há flexibilidade de horários, mais impostos para pagar;
- b) Respondente S: questão trabalhista como carteira assinada, décimo terceiros e férias são benefícios muitos atraentes.

Com isto, verifica-se que principalmente os relatos são em relação a horários e benefícios previstos pela CLT, mas em contrapartida, os demais respondentes consideram que “é importante criar políticas públicas que trazem benefícios e incentivos para aqueles que permanecem no campo, pois cada vez menos temos mão de obra disponível para exercer essas atividades”, conforme relatou respondente S.

Seguindo as ideias supracitadas, buscou-se então entender o que impactaria no sentido de trabalhar na produção da propriedade ou ir para a “cidade”, trabalhar no meio urbano, assim, o Quadro 29 nos mostra os relatos:

Quadro 29 - Pergunta 11: Questões como qualidade de vida, aumento de tecnologias e maior autonomia, impactam na sua decisão?

Respondente K	Com certeza sim, hoje na agricultura tudo se tornou mais fácil, o trabalho totalmente manual já é algo do passado;
Respondente L	Para continuar na agricultura, posso dizer que melhorou muito de uns anos para cá, como a infraestrutura, a ergonomia, empréstimos, a tecnologia deixou tudo mais a mão, e a área do campo é menos movimentada. E para trabalhar na cidade, vejo que não mudou tanto, as tecnologias que fizeram com que tudo fosse mais rápido;
Respondente M	Com certeza a tecnologia é importante pois acaba acarretando em uma qualidade de vida melhor no interior nos afazeres do dia a dia. Hoje em dia o trabalho no campo é praticante mecanizado, sem as máquinas seria muito difícil e acho que teria até menos gente trabalhando no campo;
Respondente N	Impactam, visto que o fato de o aumento das tecnologias contribuírem com a melhora da qualidade de vida;
Respondente O	Com certeza, as tecnologias estão aí para nós servir, temos que aproveitar, já que gera maior produtividade e receita para a propriedade;
Respondente P	Sem dúvida, com estes avanços a agricultura deixou de ser um trabalho rudimentar, o que diminui a necessidade de mão de obra, aumentando a qualidade de vida do produtor rural;
Respondente Q	Sim, impactam de forma direta no meu setor de frangos em especial. Focamos em investir em tecnologias que facilitam o monitoramento da propriedade;
Respondente R	Sim a qualidade de vida aumentou muito no campo, então tu tendo tecnologias, tu acaba produzindo mais e trabalhando mais leve, não tão pesado e são questões que também me influenciaram a ficar na propriedade;
Respondente S	Sim, pois ninguém quer aquele trabalho rudimentar. Temos que trazer facilidade e praticidade no dia a dia, e formas de ganhar tempo, para realizar outras atividades;
Respondente T	Sim;
Respondente U	Impactam totalmente;
Respondente V	Sim, pois trazem mais facilidade no nosso dia a dia.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com as respostas, podemos verificar que todos os 12 respondentes relataram que a qualidade de vida, autonomia e inserção de novas tecnologias impactam na decisão de permanecer o não na propriedade.

Conforme ressalta respondente P, com os avanços das tecnologias houve a diminuição do trabalho braçal e rudimentar, aumentando assim a qualidade de vida, complementando com o que ressalta o Respondente O, este quesito também “gera maior produtividade e receita para a propriedade”, trazendo facilidade e menor necessidade de mão de obra.

Quadro 30 - Pergunta 12: Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?

Respondente K	Ter o contato com a natureza diariamente é algo indispensável na minha vida. A natureza é o que traz tranquilidade de viver bem melhor;
Respondente L	Ter horários flexíveis, e ficar próximo do trabalho;
Respondente M	Ver o verde dos campos, os animais, respirar um ar puro;
Respondente N	Qualidade de vida, possibilidade de autonomia;
Respondente O	Alguns pontos chave: Seria quase como uma filosofia de vida. Ter uma propriedade sustentável por exemplo seria bom, poder gerar qualidade de vida para quem produz e para quem consome;
Respondente P	Flexibilidade de horários, autonomia, renda, qualidade de vida;
Respondente Q	Ao mesmo tempo que a vida no campo te ocupa muitas horas, todos os dias, finais de semana, feriados e até de madrugada, vai de cada um fazer o seu horário. É um equilíbrio, tenho que trabalhar o suficiente para honrar os compromissos e objetivos e achar tempo para si e sua família;
Respondente R	Hoje no campo precisamos viver bem, ter qualidade de vida tanto com alimentação e com lazer, e colocar regras pra não trabalhar demais, e não passar a vida trabalhando. Pois no campo sempre há serviço, mas precisa ter limites para ser saudável e não passar a vida toda trabalhando;
Respondente S	Liberdade em trabalhar ao ar livre. Fazer sua própria rotina. Negativo porque geralmente é de domingo a domingo, pois sempre tem alguma atividade para ser realizada;
Respondente T	União familiar, melhor qualidade de vida, o avanço da tecnologia para ser usada na agricultura;
Respondente U	Qualidade de vida, tranquilidade, paz na alma, viver na natureza;
Respondente V	No meu caso eu acho o meio rural muito bom pois nós podemos escolher o que fazer, que tipo de serviço fazer primeiro sem ter a obrigação de dar satisfação, ter mais liberdade.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Já em relação aos pontos atrativos da vida rural no campo, o Quadro 30 nos mostra alguns motivos mencionados pelos respondentes e dentre eles, destacamos:

- a) Contato com a natureza;
- b) Horários flexíveis;
- c) Qualidade de vida;
- d) Autonomia e liberdade.

Considerando tais argumentos, podemos entender que todos estão relacionados diretamente a “qualidade de vida” visto que impactam entre si, no próprio dia a dia, na forma como trabalhar e atuar frente as demandas com independência conforme a necessidade.

Seguindo este entendimento, para complementar os pontos impactantes, buscou-se verificar se “infraestrutura” e “apoio da família” também impactam neste

processo de sucessão e continuidade da propriedade, então, obtivemos tais respostas conforme Quadro 31:

Quadro 31 - Pergunta 13: A infraestrutura e apoio da família, são fatores importantes para continuar na propriedade?

Respondente K	Sim sempre tive a influência dos meus pais para permanecer na propriedade e com o passar dos anos, o avanço da tecnologia, a valorização do trabalho, fez com que eu permaneça na propriedade;
Respondente L	Sim;
Respondente M	Sim, o nome já diz tudo "família" é algo que nos move e faz seguir em frente;
Respondente N	Sim;
Respondente O	Exatamente, a infraestrutura como todo o resto vai mudando e aperfeiçoando, assim como o apoio da família;
Respondente P	Sim, a infraestrutura que já existe encurta o caminho para o sucesso, e o apoio da família é muito importante;
Respondente Q	Sim, com toda certeza. Houve momentos em que a vontade de desistir bateu e o apoio da família foi essencial para continuar;
Respondente R	Sim, importantíssimo pois para mim a infraestrutura foi uma das principais questões que fizeram eu ficar no campo, juntamente com o apoio do meu pai que me regra e me deixa um norte pra saber pra onde ir, para gerenciar a propriedade com ele de braço direito;
Respondente S	Sim;
Respondente T	Sim;
Respondente U	Sim é fundamental;
Respondente V	Sim, pois fui incentivado desde pequeno a ajudar e acabei gostando.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Podemos observar que todos respondentes consideram de grande importância os dois fatores, para que possam continuar na propriedade, e acabam que um fator contribui com o outro, conforme relata respondente R:

"Sim, importantíssimo pois para mim a infraestrutura foi uma das principais questões que fizeram eu ficar no campo, juntamente com o apoio do meu pai que me regra e me deixa um norte pra saber pra onde ir, para gerenciar a propriedade com ele de braço direito"

Com isso, também verificamos quais seriam os pontos que podem impactar tanto positivamente quanto negativamente no futuro da propriedade, para entender quais influências os respondentes sofrem frente a tomada de decisão, das quais temos relatados no Quadro 32:

Quadro 32 - Pergunta 14: Quais pontos podem impactar na sucessão e futura gestão da propriedade?

Respondente K	Cada vez mais tendo a busca de resultados, conhecimento em mercados futuros e na inovação na propriedade;
Respondente L	Os proprietários têm que querer isso para acontecer. E dar chances para a mulheres;
Respondente M	O que pode impactar é o aumento dos produtos, as vezes pensamos se vale a pena ficar na chuva e no calor, pois no futuro os problemas de saúde vêm por causa disso exemplo meu pai teve câncer de pele por causa do sol;
Respondente N	Apoio e incentivo familiar, gosto pelo trabalho rural, desenvolvimento da região;
Respondente O	Acredito que os movimentos de mercado estão no topo dessa decisão. Hoje estamos numa crescente animadora, porém não sabemos até quando será assim. Como todos os mercados vivem de ciclos, ainda não vimos a curva de descida, e é importante ficar atento a este ponto;
Respondente P	Instabilidade política, incerteza de mercados;
Respondente Q	Acredito que o que mais pode impactar são as políticas públicas. Caso haja incentivo para a permanência do jovem na agricultura seja fácil ficar. Mas existem cada vez mais leis que criam obrigações para os produtores, muitas vezes com um único objetivo, a arrecadação. Isso desestimula;
Respondente R	A sucessão é complicado pois a família trabalhou a vida inteira de uma forma e deu certo, aí vem os jovens com outra mentalidade, tentando inovar, produzir mais e trabalhar menos com muita tecnologia e os pais ficarem retraídos com essas questões, então impacta na futura gestão, mas tudo coisa que se conversando (em mais ou menos tempo), dão certo;
Respondente S	Falta de apoio e incentivo. Resistência pela mudança/ inovação;
Respondente T	Desunião da família, falta de mão de obra, intempéries(clima);
Respondente U	Resistência na diferença de opiniões, falta de diálogo;
Respondente V	Acho que o que impacta positivamente é o fato dos meus pais me ajudarem com tudo e me mostrarem no dia a dia diferentes coisas para eu conseguir tocar tudo sozinho futuramente.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Levando em consideração os relatos, obtivemos vários pontos de vista que englobaram desde questões políticas e econômicas, até questões familiares e mão de obra. Conforme relata respondente Q, o que impacta muito é “são as políticas públicas. Caso haja incentivo para a permanência do jovem na agricultura seja fácil ficar. Mas existem cada vez mais leis que criam obrigações para os produtores, muitas vezes com um único objetivo, a arrecadação. Isso desestimula”.

Tais relatos, nos levam novamente a ideia já citada anteriormente, sobre a “falta de reconhecimento” do agricultor perante o governo, fazendo com que cada vez mais possam pensar em desistir. Mas em contrapartida, conforme respondente N, o “apoio e incentivo familiar, gosto pelo trabalho rural, desenvolvimento da região”, também são fundamentais nesta continuidade.

Por fim, para concluir o entendimento sobre pontos importantes e impactantes no processo de sucessão para os possíveis sucessores, o Quadro 33 demonstra o que pode estar levando ao êxodo rural na nossa região:

Quadro 33 - Pergunta 15: Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?

Respondente K	Sim, a dificuldade da mão de obra agrícola é visível diariamente, atualmente as pessoas buscam por aquilo que é mais fácil, e querendo ou não, apesar da evolução da tecnologia, em alguns momentos a lida no campo ainda se torna pesado, como por exemplo a agricultura exige dedicação diária, durante os 7 dias da semana, por isso ocorre muito a escassez de mão de obra e de jovens permanecerem na agricultura;
Respondente L	Depende de como é cada propriedade. As pessoas que já tem uma propriedade mais desenvolvida, não trocam por nada a agricultura. Mas, para quem a agricultura é um desafio diário (pouco desenvolvida), acredito que é mais fácil trocar;
Respondente M	Sim, a qualidade de vida, o agricultor deveria ser muito mais valorizado. Na cidade é muito mais fácil trabalhar do que no campo;
Respondente N	Sim, acredito que o acesso mais facilitado ao estudo técnico e superior faz com que os jovens tenham uma maior possibilidade de escolha de outras profissões e cada vez menos pessoas demonstram desejo em permanecer na atividade rural;
Respondente O	Como havia comentado, são vários fatores, desde as pessoas que procuram a facilidade de estar na cidade, ou até estilo de vida que se quer ter. É uma tendência, no momento vemos muito abandono na região, mas também não será eterno, é um ciclo agora vemos a descida, uma hora a curva muda e começa a subir de novo. Antigamente se tinha um conceito de quem não estudava acabava por ter que trabalhar na roça. Hoje já é o contrário, quem não estuda mais não pode trabalhar na roça;
Respondente P	Acredito que o cenário mudou muito nos últimos anos, hoje o caminho é inverso, noto mais jovens voltando ou ficando no campo do que saindo, impacto de aumento de tecnologias, e renda no campo;
Respondente Q	Sim, percebo que esta geração de jovens tem vergonha em sujar as mãos. Mas muitos não tiveram a oportunidade de aprender a se satisfazer com a produção no campo. Claro, não é fácil, existem muitos desafios. Quando um problema está resolvido aparece outro. Vai de cada um. Mas, se não tiver vontade do poder público em manter o jovem nas propriedades dos pais, os alimentos poderão ficar cada vez mais escassos, naturalmente elevando os preços para o consumidor final. Outro ponto que influencia muito a produção de frangos de corte é o chamado Bem-Estar Animal. Orientações e leis são criadas por pessoas que não sabem nada sobre criação de aves, prejudicando o avicultor e até mesmo as aves. Para mim, vivemos tempos em que existem opiniões demais de pessoas que não sabem do estão falando;
Respondente R	Sim, temos poucas pessoas que querem ficar no campo pois tiveram outras oportunidades melhores em que a cidade ofereceu ou estudaram, e assim acaba tendo pouca mão de obra e pela nossa região precisar de muita mão de obra e não tendo maquinário pra realizar tudo, então acaba se tornando um trabalho mais pesado e tu não acaba encontrando mais pessoas pra realizar este serviço;
Respondente S	Isso é um processo que começa desde a infância, no incentivo e na abertura para que os filhos possam dar opinião e contribuir para o destino da propriedade;
Respondente T	Sim, pois muitas pessoas acabam não aguentando a lida da lavoura no dia a dia e por isso acabam desistindo para ir a cidade e trabalhar de carteira assinada;
Respondente U	Está difícil sim. Tem alguns pais que criam os filhos para ir “trabalhar fora” por pensarem que a agricultura é ruim, pesada e que vão “sofrer” na agricultura. Então acredito que vem muito de como se foi criado e que muito dos culpados disso são os próprios pais, que não enxergam a agricultura como algo positivo e que também pode oferecer inúmeros benefícios;
Respondente V	Sim está cada vez mais difícil de jovens ficarem na agricultura, pois tem pouco incentivo.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para os respondentes são vários fatores que podem estar impactando neste quesito, dos quais, vale ressaltar:

- a) Dificuldade de mão de obra;
- b) Trabalho de segunda a segunda;
- c) Pouca valorização da sociedade;
- d) Trabalho pesado.

Contudo, ainda alguns respondentes relataram que além disto, conforme respondente U, também pode haver um impacto em como os pais abordaram e incentivaram ou não, os filhos sobre a vida e trabalho no campo:

“Tem alguns pais que criam os filhos para ir “trabalhar fora” por pensarem que a agricultura é ruim, pesada e que vão “sofrer” na agricultura. Então acredito que vem muito de como se foi criado e que muito dos culpados disso são os próprios pais, que não enxergam a agricultura como algo positivo e que também pode oferecer inúmeros benefícios.”

Ou seja, pode-se perceber que o fato de jovens decidirem permanecer ou não na propriedade, vai muito além de questões como tecnologias, escolaridade e etc., pois também está diretamente ligado a forma como foram instigados a conhecer do assunto e a forma como os pais aceitam as novas opiniões e olhares dos mais jovens.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS PESQUISAS

Diante dos dados levantados através das pesquisas qualitativas respondidas por 10 proprietários e 12 filhos/sucessores, alcançam-se algumas reflexões no que se refere ao tema “sucessão rural familiar”, estudado nesta monografia.

Portanto tendo como objetivos específicos deste trabalho os mencionados abaixo, podemos relacionar os mesmos com as respostas obtidas:

- a) Identificar se a sucessão rural familiar é realizada nas propriedades rurais da região;

Verificou-se conforme relatos dos respondentes que é de grande importância que se tenham possíveis sucessores, porém, o assunto é pouco debatido entre os mesmos e ainda há uma certa resistência em “passar a posse” da propriedade aos filhos, abrir o comando da mesma e também de aceitar novas ideias, opiniões e possíveis mudanças.

- b) Identificar como este processo é realizado e se as famílias envolvem seus sucessores no negócio;

Em relação a realização de algum processo sucessório, verificou-se que o mesmo não é realizado nas famílias respondentes e que tanto proprietários quanto sucessores acreditam que este processo se dá ao longo do tempo, de uma forma orgânica. Ainda, vale ressaltar que principalmente sucessores, consideram que um “programa de sucessão rural familiar” poderia contribuir muito para facilitar este processo.

- c) Entender os fatores que estimulam ou que impedem a realização da sucessão;

Já diante dos principais fatores positivos e negativos relacionadas ao processo sucessório, podemos destacar como positivos a qualidade de vida (muito citada dentre as respostas), autonomia, liberdade e “ser dono do próprio negócio”, contato com a natureza, por exemplo.

Em contrapartida, pontos negativos estão relacionados principalmente a resistência dos pais em passar a posse aos filhos, trabalho pesado, falta de mão de obra, pouco incentivo do governo, altos custos dos insumos e investimentos e pouca valorização da sociedade.

Dentro deste conceito, também pode-se verificar 4 palavras mais utilizadas pelos respondentes que são: relação, horas, problema e decisão. Com isso, subentende-se que existem sim conflitos entre as famílias, que por consequência estão relacionados a tomada de decisão e também afetam a relação entre os membros, conforme explica Silva, Vanessa F., D. et al:

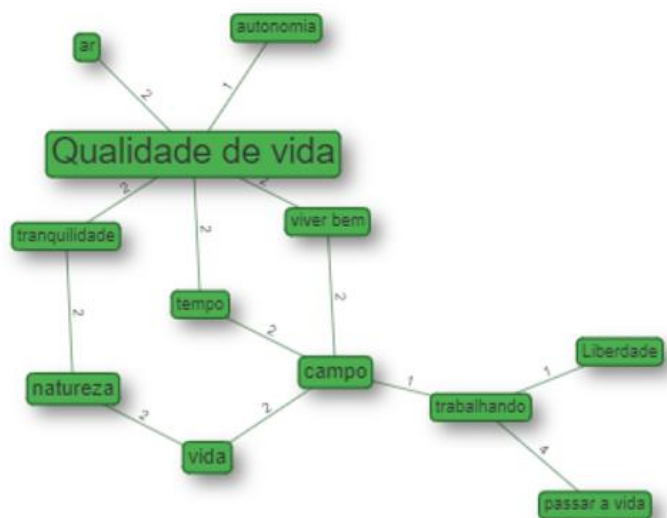
Cultura e poder estão intimamente ligados. Dentro de organizações familiares, essa conexão se torna intensa e volátil. Nesse tipo de empresa, as relações são mais próximas e envolvem sentimentos, o que, em alguns casos, pode trazer benefícios e, em outros, complicações.

Frente a todos os itens supracitados e analisados nas entrevistas, verifica-se que as principais ideias estão diretamente interligadas entre si, pois o processo sucessório vai desde instigar os filhos em conversas sobre o assunto, até políticas públicas, incentivos e demais.

- d) Identificar os principais fatores que impactam na decisão de continuidade na atividade rural;

Para concluir a análise frente a último objetivo específico descrito acima, abaixo verifica-se duas nuvens de palavras que apresentam os principais motivos relatados pelos respondentes, que estão relacionados a pontos positivos e negativos que impactam no momento da decisão de permanecer e dar continuidade a propriedade rural da família:

Figura 3 - Nuvem de palavras 1 - Pontos positivos:

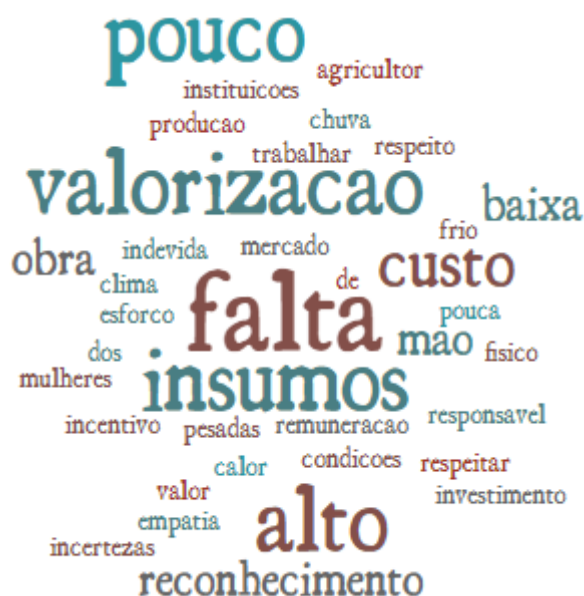


Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como podemos verificar, os principais pontos positivos destacados nas respostas, estão relacionados diretamente a qualidade de vida, trabalho clamo, flexibilidade, avanço das tecnologias e assim por diante.

Já em relação aos pontos negativos, conforme abaixo, verificamos que os itens mais destacados estão relacionados diretamente ao alto custo dos insumos, pouco reconhecimento e valorização, baixa mão de obra, etc.

Figura 4 - Nuvem de palavras 2 - Pontos negativos:



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Concluindo, pode-se verificar que os principais pontos positivos e negativos acabam não se relacionando diretamente entre si, pois os positivos estão ligados à qualidade de vida e itens que podem ser decididos facilmente e com autonomia por quem trabalha na propriedade, juntamente com o avanço das tecnologias que torna o trabalho mais fácil e menos pesado.

Já os pontos negativos estão relacionados principalmente ao alto custo dos insumos e falta de mão de obra, que são pontos que os agricultores não podem atuar diretamente para melhoria, pois dependem da economia e sociedade como um todo, assim, impactando diretamente no sentimento de “baixa valorização” perante a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de pesquisa que deu origem a este estudo, foi entender se os produtores rurais da região estudada, compreendem sobre a importância da sucessão rural familiar e se realizam alguma atividade nesse sentido, assim identificou-se alguns aspectos primordiais que impactam diretamente nesta situação.

O estudo como um todo mostrou que para ambos respondentes (proprietários/successores), a sucessão rural é de importante nas propriedades para não haver êxodo rural e para que se dê continuidade ao que os mais antigos vieram construindo e investindo, para poder trabalhar e conseqüentemente alguém seguir com o negócio.

Com base na amostra realizada frente ao questionário aplicado a 10 proprietários e 12 sucessores/filhos, demonstrou pontos de vista apontados pelos respondentes, dos quais a maioria se mostra satisfeito com seu trabalho e possui orgulho do que trabalha, mas, boa parte relatam alguma falta de reconhecimento frente a sociedade, baixos incentivos e alto custo dos insumos, o que, conseqüentemente impacta diretamente na sucessão rural das propriedades.

Outro ponto verificado e de grande importância neste estudo, é o fato de todos proprietários terem relatado que é muito importante que se tenha um sucessor, mas em contrapartida, a maioria dos respondentes nunca conversou nem faz uma programação ou algum plano sucessório para quem pudesse lhes suceder, ainda, devido o assunto ser tão pouco debatido, apontou-se também que em alguns relatos dos sucessores, um dos principais pontos que fazem este processo ser mais “difícil” é a grande resistência dos mais velhos em ceder e aceitar as opiniões dos seus filhos, bem como, deixá-los tomar suas próprias decisões frente suas propriedades.

As conclusões que se apresentam neste estudo são com base na amostra realizada, mas o mesmo pode ser aprofundado com uma amostra maior relativa ao município em questão, e também, pode ser estendido para toda região, que conseqüentemente resultará mais precisamente no que realmente acontece com relação a sucessão nas propriedades rurais.

Por fim, o presente estudo foi de extrema importância para autora, visto que contribuiu no desenvolvimento da leitura e escrita, assim como o aprofundamento em referencial teórico o qual trouxe grandes conhecimentos que foram aplicados com os estudos aprendidos ao longo da vida acadêmica, e também ampliando o entendimento e visão frente ao assunto estudado, conseqüentemente impactando na vida profissional e acadêmica.

REFERÊNCIAS

- Abdala, RG, Binotto, E., & Borges, JAR (2022). **Sucessão da Agricultura Familiar: evidências da capacidade de absorção, capital social e aspectos socioeconômicos**. Revista de Economia e Sociologia Rural, 60(4), e235777.
- ABRAMOVAY, R. et al. Sucessão profissional e transferência hereditária na agricultura familiar. In: ponencia apresentada al X **Congreso Mundial de Sociología Rural**, Rio de Janeiro.
- Agronegócio**. Departamento de Economia e Estatística, 2022. Disponível em: <<https://dee.rs.gov.br/agronegocio>>. Acesso em: 23 de março de 2022.
- AMARAL, S. Ludymila. **Veja diferenças básicas entre Sucessão Legítima e Testamentária**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm](https://saraivaebatista.com.br/sucessao-legitima-e-testamentariavejadiferencasbasicas/#:~:text=Ao%20contr%C3%A1rio%20da%20Sucess%C3%A3o%20Leg%C3%ADtima,testamento%20(vontade%20do%20morto)>>. Acesso em: 26 de março de 2022.</p>
<p>Andrade, D. M., Grzybovski, D., & Lima, J. B. de. (2004). Aplicabilidade do “modelo dos três círculos” em empresas familiares brasileiras: Um estudo de caso. Revista Eletrônica de Administração, 11(5), 2-25.</p>
<p>AQUINO, J. R.; SCHNEIDER, S. O Pronaf e o desenvolvimento rural brasileiro: avanços, contradições e desafios para o futuro. In: GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015, p. 53-82.</p>
<p>BERNHOEFT, Renato. Empresa Familiar: sucessão profissionalizada ou sobrevivência comprometida. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1991.</p>
<p>BERTÊ, A.M.A., LEMOS, B.O., TESTA, G., ZANELLA, M.A.R., OLIVEIRA, S.B. Perfil Socioeconômico - COREDE Vale do Caí. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 26, p. 869-908, fev. 2016.</p>
<p>BERTOLINI, Maria Madalena; PAULA FILHO, Pedro Luiz; MENDONÇA, Saraspathy Naidoo Terroso Gama. A importância da agricultura familiar na atualidade. In: Congresso Internacional de Agroindústria. Online. 2020.</p>
<p>Bottino, Antonaccio, C. F; Féres-Carneiro, T (orientadora). Empresas Familiares: uma compreensão sistêmica, Rio de Janeiro, 2007, 260p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.</p>
<p>BRASIL. Senado Federal. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 de jul. de 2006. Disponível em: <. Acesso em: 01 de maio de 2022.
- Breitenbach, R., & Corazza, G. (2019). **Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil**. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 17(2), 1-34.

Breitenbach, R., & Corazza, G. (2021). **Ser ou não ser sucessor? O que almejam os jovens rurais do Rio Grande do Sul.** *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 19(3), 1-23.

Casillas, J. C., Vazquez, A., & Diaz, C. (2007). **Gestão da empresa familiar: conceitos, casos e soluções.**

COELHO, Fábio Ulhoa. **Curso de Direito Civil: vol 5.** São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

Departamento de Economia e Estatística, 2022. **Agronegócio.** Disponível em: <<https://dee.rs.gov.br/agronegocio>>. Acesso em: 23 de março de 2022.

Dicionário online de Português, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sucessao/>. Acesso em: em 26 de março de 2022.

FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; BORGES, B. K. **Painel do agronegócio do Rio Grande do Sul — 2021.** Porto Alegre: SPGG, 2021.

FLORES, M. Apresentação. In: ABRAMOVAY, R. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: UNESCO, 1998. p. 9-11.

FREITAS, C. Ernani. FREZZA, M. M. **Gestão e Sucessão em Empresa Familiar.** Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/1063-Texto%20do%20artigo-3029-1-10-20161130.pdf>>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Gutierrez, M. C. P., Gomez, L. L. B., Beas, J. F. H., & Ortega, A. T. (2018). **Problemas que enfrentan las empresas familiares en el proceso de sucesión en el Estado de Nayarit.** *Revista Educateconciencia.*

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário, 2017.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pesquisa/24/76693>>. Acesso em: 21 de março de 2022.

Jaqueline Silva NASCIMENTO 1; Luciana Virginia Mario BERNARDO 2; Gleicy Jardim BEZERRA 3; Erlaine BINOTTO 4 (2016). **A Satisfação do Trabalhador Rural: uma relação entre a assistência técnica e a gestão da propriedade e uma implicação na sucessão das unidades familiares.**

Kischener, M.; Kiyota, N.; Perondi, M. (2015). **Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais.** *Mundo Agrario*, 16(33).

LEMOS, M. F. Monica (2003). **O processo de sucessão em empresas familiares.** Disponível em revista FAEBUSINESS.

LOBLEY, M.; BAKER, J. R.; WHITEHEAD, I. Farm succession and retirement: some international comparisons. **Jornal of Agriculture, Food Systems and Community Development**, Ithaca, v. 1, n. 1, Aug. 2010)

LODI, J. B. **Sucessão e conflito na empresa familiar.** São Paulo: Pioneira, 1987.

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina da Silva. **Metodologia Científica.** Porto Alegre: SAGAH, 2018.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa; pesquisa bibliográfica; teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Monteiro, R., & Mujica, F. P. (2022). **A identidade sociocultural do jovem agricultor na vitivinicultura familiar e sua relação com a sucessão rural**. Revista de Economia e Sociologia Rural, 60(spe), e235637. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.235637>.

Oliveira, M. F., Mendes, L., & van Herk Vasconcelos, A. C. (2021). **Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG**. Revista de Economia e Sociologia Rural, 59(2), e222727. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>.

PETRY, I. Luiz. KREISING, Denise. SPRINGER, A, Fábio. NASCIMENTO, M. Augusto. **Modelo de Gestão e Processo Sucessório de Empresas Familiares**. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/cbc,+XIIICongresso_artigo_0386.pdf>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Silva, Vanessa F., D. et ai. **Gestão de empresa familiar**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo A, 2019. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

SILVESTRE, R. P. **Turismo Rural na Agricultura Familiar - TRAF: oportunidades e desafios em relação às especificidades do setor de serviços**.

SPANEVERELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008.

THEODORO, T. Eliézer. **Direito Sucessório: Linhas Gerais**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/34103/direito-sucessorio-linhas-gerais>>. Acesso em: 26 de março de 2022.

Toledo, E. N. B., & Zonin, V. J. (2021). **A sucessão geracional no meio rural em cinco estados brasileiros: possibilidades e limites (Generational succession in rural environment in five brazilian states: possibilities and limits)**. Emancipação, 21, 1–16. <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.21.2114643.001>.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Entrevista com o objetivo de obter dados para o projeto de pesquisa de “Sucessão rural familiar”, com finalidade central de identificar a importância e práticas da sucessão familiar nas pequenas propriedades rurais da região do Vale do Caí – Rio Grande do Sul.

I - IDENTIFICAÇÃO DA PROPRIEDADE

Entrevista 1

Idade:

Localização:

Município:

Grau de escolaridade:

PROPRIETÁRIOS/PIONEIROS

1. Qual o tamanho da propriedade e com qual atividade rural trabalha?
2. Quantas pessoas vivem com os recursos advindos da agricultura? Estes recursos têm sido suficientes para manter as demandas?
3. Qual seu nível de satisfação com sua atividade e qual o motivo que resulta sua resposta?
4. Quem são as pessoas da família e o que elas fazem aqui ou fora da propriedade?
5. Quais os motivos que trazem satisfação o que você realiza propriedade? E quais os que trazem insatisfação?
6. Quais são as principais dificuldades e facilidades na família em trabalhar em conjunto, e como é esta relação?
7. Como se dão as tomadas de decisão? Quem participa? Existem conflitos?
8. O que representa a sucessão para você?
9. Deseja que os filhos permaneçam na propriedade? Por que?
10. Existe perspectiva de um sucessor na propriedade? Se sim, quem? Se não, por que? Qual a dificuldade que ocorre neste processo?
11. Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os integrantes?
12. Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?
13. Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?
14. Acredita que a cidade poderia lhe oferecer maiores benefícios?
15. Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Entrevista com o objetivo de obter dados para o projeto de pesquisa de “Sucessão rural familiar”, com finalidade central de identificar a importância e práticas da sucessão familiar nas pequenas propriedades rurais da região do Vale do Caí – Rio Grande do Sul.

I - IDENTIFICAÇÃO DA PROPRIEDADE

Entrevistado

Idade:

Localização:

Município:

Grau de escolaridade:

SUCESORES/HERDEIROS

1. Você trabalha na agricultura? Se sim, explique o porquê. Caso contrário, você deseja sair? Em caso positivo, esclareça.
2. A capacitação é importante no gerenciamento da propriedade? Como poderia contribuir no dia a dia? Quais você considera importante?
3. Você participa da tomada de decisão e ideias da propriedade da sua família? Se sim, como isto ocorre?
4. Cite alguns motivos de satisfação e insatisfação com a agricultura.
5. Quais fatores influenciam positivamente ou negativamente quando pensa em permanecer na propriedade?
6. O que representa a sucessão para você? Saberá como fazer este processo hoje? Precisaria de ajuda, e se tivesse algum programa de sucessão você participaria?
7. Você identifica alguma resistência dos proprietários em passar o comando da propriedade ou abrir a tomada de decisão? Exemplifique.
8. Realizam alguma atividade relacionada ao processo sucessório? O assunto é debatido entre os sucessores?
9. Quando você considera o momento ideal para "passar a posse" da propriedade ao possível sucessor?
10. Acredita que a cidade possa lhe oferecer maiores benefícios? Quais são os principais aspectos negativos e positivos que você vê nesta mudança?
11. Questões como qualidade de vida, aumento de tecnologias e maior autonomia, impactam na sua decisão?
12. Quais os pontos atrativos que considera ter na propriedade/vida rural e no campo?
13. A infraestrutura e apoio da família, são fatores importantes para continuar na propriedade?
14. Quais pontos podem impactar na sucessão e futura gestão da propriedade?

15. Você acredita que está difícil ter pessoas que queiram continuar na agricultura da nossa região? Se sim, o que você considera que possa estar levando a isto?